

RAFAEL GONÇALVES LIMA

AURA DE ASÍRIS 
A BATALHA DE KAYABASHI



© 2009, Editora Isis Ltda.

Supervisão Editorial: Gustavo L. Caballero

Diagramação Digital: Alexandre M. Souza

Criação da Capa: Licínio Souza e Décio Lopes

Revisão de Textos: Aurora Ayres

ISBN: 978-85-88886-54-4

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, por processos xerográficos ou outros, sem a permissão expressa do editor. (lei nº 9.160 de 19/02/1998).

Todos os direitos para a língua portuguesa são reservados exclusivamente para:



EDITORA ISIS, LTDA.
contato@editoraisis.com.br
www.editoraisis.com.br



AO MEU PAI.

DENTRE TODAS AS PESSOAS QUE CONHEÇO, A QUE
MAIS REALIZOU FEITOS EXTRAORDINÁRIOS.

AGRADECIMENTOS

Aos meus familiares: minha mãe, Maria Angélica, namorada, Amanda, avó, Cecília, cunhado, Osny, primo, Carlos “Cacá” Eduardo, irmãos, Luize, André, Aline, Alex e Alexandre e suas respectivas famílias. Obrigado pelo carinho.

Aos amigos: Felipe “Porco” Braz, Ítalo “Ito” Cabral, Leandro “João” Ribeiro, Carlos Coelho, Rodrigo “Rolinha” Martins, Pedro Martins, Rafael Sarmiento, Igor “Bolha” Boechat, Sávio Pimenta, Roberta Bichara, Leandro Dupin, Arides Medeiros, Fábio Mendonça, Vitor Rangel e Jackeline Farbiarz. Sei que ainda há muitos outros companheiros, o problema é que não disponho de mil páginas para agradecer a todos que merecem. Obrigado pela amizade sincera e/ou duradoura.

Às pessoas da internet: Ana Cristina Rodrigues, José Roberto “Zero” Vieira, Heitor Herzog, Devis Henrique, Yuri Beloni, Mônica Sicuro, Marcelo “Mushi” Pereira, meu xará Rafael Gonçalves, Leandro “Radrak” Reis, Cristiano Reis, Alex Silva e todos aqueles que acompanharam e acreditaram na obra quando a mesma ainda não possuía sequer previsão para ser publicada. Obrigado pelas opiniões, conselhos e apoio.

Ilustrações e outras informações sobre a obra em www.auradeasiris.com

ÍNDICE

Agradecimentos.....	4
Introdução - Aura De Asíris (Por Irwind Heatbolth, General De Mahani)	7

Capítulos

1 - Yin Cyrus Ashvick	13
2 - Os Invasores.....	19
3 - De Volta ao Orfanato de Mao-Ter	29
4 - Um Jovem Obstinado	33
5 - A Técnica Surpresa de Hanai.....	39
6 - O Torneio de Kogujutsa	45
7 - A Missão de Heatbolth.....	57
8 - Uma Longa Viagem	61
9 - A Base de Dherates	69
10 - O Céu de Asíris	77
11 - A Floresta de Noah	83
12 - O Medo Oculto	85
13 - Os Limps	91
14 - O Ataque dos Kharkis	97
15 - O Misterioso Laboratório	105
16 - Através da Cápsula Amarela.....	115
17 - Sara	123
18 - S.O.S. Base Aérea	131
19 - A Batalha de Marahana.....	139
20 - Por Entre o Céu e o Deserto, a Redenção.....	149
21 - De Volta à Archia.....	155
22 - Os Marakis.....	159
23 - A Visão de um Novo Inimigo Infernal	165
24 - Cidade Condenada	173
25 - O Plano Furou	179
26 - A Insubordinação de Gryn Darden.....	185



AURA DE ASÍRIS

27 - Escapando do Diamante Negro	193
28 - Para Wamboo	199
29 - Uma Nova Aposta.....	203
30 - Uma Noite de Trégua	213
31 - A Convicção de Nina.....	219
32 - O Treinamento em Marahana.....	227
33 - Rumo ao Território Furou	243
34 - Os Prarkhis	257
35 - O Balanço dos Primeiros Ataques	265
36 - O Cemitério de Gyron	271
37 - A Ameaça Gigante.....	277
38 - Novos Reforços	283
39 - A Terrível Sociedade Furou.....	289
40 - O Lago Negro de Gyron.....	297
41 - Perdões e Revelações	305
42 - Terror no Subterrâneo.....	313
43 - O Fim da Esperança	325
44 - A Abominação Suprema: O Encontro	333
45 - A Passagem para o Inferno.....	337
46 - O Último Tiro	339
47 - Sou Mornkion e Esta é a Minha História	349
48 - A Verdade por Trás do Caos	355
49 - O Duelo Final.....	365
50 - Despedidas.....	371
51 - A Fúria do Novo Guerreiro Yin.....	377
52 - Tire Nina Daqui. Logo Tudo Estará Acabado.....	381
53 - O Limite da Aura: O Encontro de Dois Superpoderes	387
54 - O Reencontro	393
55 - O Julgamento de Maraya Tehold	401
56 - Um Grande Herói de Asíris.....	405
57 - Um Novo Horizonte.....	409
Epílogo	413

INTRODUÇÃO - AURA DE ASÍRIS (POR IRWIND HEATBOLTH, GENERAL DE MAHANI)

“Se aquietarmos nossos corações durante um tempo, se olharmos para o nosso interior e conseguirmos ver a verdade, podemos então vê-La. Porque Ela é a verdade. Ela está presente em todo e qualquer lugar, desde o mais complexo até o mais simples ser deste mundo. Ela nos une, nos nutre, nos faz viver. Ela, a energia divina que rege todo o universo, a qual conhecemos como Aura. A Aura é simples, tudo o mais é complexo. Ela é a essência de tudo, o início e o fim. Sem ela não existiríamos. A cada nascer do Sol, agradecemos aos Deuses de Asíris por essa bênção, pedindo força e proteção para continuarmos nossa jornada sobre esta terra tão cheia de vida, tão exuberante e rica, mas ao mesmo tempo tão desgastada pelo ódio e desigualdade entre os seres que a habitam. A eterna guerra entre nós, banshees e os abomináveis furous, as duas raças mais poderosas deste mundo, há séculos é travada em infundáveis e sangrentas batalhas ao norte de Asíris, mesma região onde se localiza a fronteira entre nossos domínios.

A Grande Guerra. Assim ela é conhecida por nós. Guerra essa que possui sua causa desconhecida e origem remetendo a tempos longínquos. Por isso, é curioso lembrar que, mesmo depois de tanto tempo coexistindo, ainda não encontramos uma forma de conviver pacificamente. Às vezes, imaginamos se isso é realmente possível, já que não conhecemos sequer uma forma de nos comunicarmos com os furous. Na verdade, na maior parte do tempo só o que fazemos é nos defender de seus eventuais, porém brutais ataques, os quais só confirmam a essência demoníaca dessa terrível raça, que mata, saqueia e traz o medo e o caos por onde passa.

Em resposta, portanto, logo que vislumbramos uma oportunidade para contra-atacar nossos inimigos e tentar conter a todo custo essa ameaça que nos ronda e deprime há muito tempo, enviamos algumas de nossas tropas para além do limite entre nossos territórios em direção ao combate. Contudo, tais investidas se mostram sempre em vão, jamais trazendo resultados que possam



AURA DE ASÍRIS

alterar significativamente o rumo desta guerra a nosso favor. Sendo assim, infelizmente, o que temos após esses conflitos é somente mais dor. Um pesar que se reflete no desespero das famílias dos soldados mortos nessas batalhas e que, conseqüentemente, permanece estampada no semblante de todo o povo banshee diante de mais uma derrota de seu exército.

Exatamente por toda essa intolerância e violência que desde sempre marcou nossas histórias neste mundo e aparenta ser interminável, imagino que banshees e furous não merecessem possuir seu enorme poder, a divina Aura, até que um dia possam ser capazes de usá-la de maneira mais sábia, trazendo harmonia e paz definitivamente para Asíris.

No entanto, sabemos que esse dia pode estar muito longe ou que talvez nunca chegue, como aconteceu com os humanos. Há muitos anos eles eram os soberanos deste mundo e, pelo que já encontramos nos restos de sua civilização - hoje nada além de escassas ruínas -, possuíam uma tecnologia extremamente avançada. No entanto, se pereceram, foi porque, provavelmente, não sabiam viver em harmonia com seus semelhantes, tampouco usar seu vasto conhecimento para disseminar a paz. Ninguém sabe ao certo a data de seu desaparecimento nem o que realmente aconteceu com eles, mas de qualquer forma tiveram o seu tempo sobre Asíris. Muito sobre os humanos, como sua cultura e tecnologia, ainda está escondido sob esta terra e a cada dia descobre-se algo novo. Mas, pelo que sabemos, não eram muito diferentes de nós. Sua aparência física era idêntica, assim como praticamente todos os seus hábitos. No entanto, nós banshees, possuímos a Aura circulando por nossos corpos de maneira muito mais intensa e tal poder permite a alguns de nós realizar coisas nunca imagináveis por nenhum humano, como voar pelos céus.

Esses que possuem uma quantidade de Aura acima do normal são chamados koguns e parte desse grupo de banshees privilegiados é desde cedo treinada para aprender a controlar sua energia de forma correta, através principalmente dos ensinamentos de uma doutrina milenar chamada kogujutsa. Essa filosofia, algo muito além de uma simples arte marcial, tem como objetivo máximo conduzir banshees - ainda que não sejam koguns - a um modo de vida mais sereno, pacífico e bem-aventurado, bem como a um estado harmônico entre eles, a natureza de Asíris e as suas próprias. É uma arte que procura minimizar as inquietações interiores de seus praticantes, prezando por valores como disciplina, humildade e generosidade, para que todos encontrem no fim o caminho original da Aura - o mais fundamental dentre todos no universo.

Quando um kogun é tocado pela luz da kogujutsa, tendo como mediador geralmente seu mestre, acaba por se tornar um guerreiro poderosíssimo, capaz de realizar uma série de técnicas fantásticas com sua Aura, já que desenvolve o poder de elevar tal energia de seus níveis mais sutis e manifestá-la e manipulá-la também no mundo visível, das formas mais incríveis. Contudo, a



probabilidade de um determinado banshee nascer kogun e usufruir, assim, das recompensas da kogujutsa em sua plenitude, é muito pequena, cerca de uma em trezentas. Porém, ainda há uma chance de banshees não nascidos koguns conseguirem se tornar mais tarde. Nesse caso, na maior parte das vezes, é necessário anos de dedicação e muito esforço para poder desenvolver as técnicas comuns aos koguns de nascimento e, por isso, a maioria dos que se aventuram nessa empreitada desiste pelo caminho.

Completando esse quadro, há também outros dois casos. O primeiro refere-se àqueles que nascem koguns e passam toda a vida sem treinamento, não desenvolvendo completamente seu potencial. Em casos extremos, alguns morrem sem sequer conhecer seu verdadeiro poder interior. O segundo caso são de banshees que, mesmo tendo consciência de tal poder, preferem não desenvolvê-lo, escolhendo como ocupação para sua vida outros caminhos diferentes das práticas de luta. De qualquer forma, os koguns tem como principal característica possuírem dentro de si a Aura de uma maneira muito concentrada, cabendo a eles, portanto, desenvolver junto a esse poder uma responsabilidade enorme para usá-lo de maneira certa, para o bem de toda a sociedade banshee. Porém, há uma outra raça neste mundo que também é muito poderosa. Grande parte dos furous, por exemplo, também possui uma quantidade de energia divina tão grande ou talvez até maior que a nossa, mas a utilizam de modo irracional, fato proveniente de sua própria personalidade animalesca.

Exatamente por essa diferença de autocontrole e autoconhecimento entre nossa raça e a deles ainda conseguimos conter bravamente o avanço das selvagens hordas furous vindas do norte. E, como foi dito, tem sido assim durante muito, muito tempo. É praticamente impossível contar quantas vidas já foram perdidas naquela região, ao longo dos anos. Nas ocasiões em que as unidades inimigas conseguem invadir nosso território, as inúmeras vilas e pequenas cidadelas próximas às cidades de Maharana e Shandara, as maiores do Deserto de Kayabashi, região localizada ao norte do nosso domínio, são as primeiras a serem atacadas. Assim, a vida de seus habitantes, em sua maioria camponeses pobres sem nenhum recurso para deter os violentos ataques dos furous, não são poupadas, nem mesmo mulheres ou crianças.

Os furous, habitantes da parte norte de Asíris, apesar de possuírem uma tecnologia considerável e em um patamar bem próximo ao nosso – principalmente no que diz respeito à sofisticação militar - possuem uma organização social extremamente simples, assim como capacidade limitada de raciocínio, solidariedade e compaixão, até mesmo para com seus semelhantes. Na verdade, sempre nos aparentaram ser em todos os aspectos bestas infernais com um único propósito, exterminar a raça banshee a qualquer custo. A impressão que se tem de que esses seres terríveis representam de fato a maior praga que há é somente confirmada pela sua aparência, monstruosa e diabólica. Os guerreiros



AURA DE ASÍRIS

furous, por exemplo, possuem seus corpos todos cobertos por uma pele áspera, esbranquiçada - repleta de pêlos negros bem ralos - e resistente como uma rocha, além de dentes afiados e serrilhados, garras ao invés de dedos e olhos completamente negros. Possuem também grande massa muscular e um crânio levemente alongado para trás. Seus rostos, ainda que se assemelhem com os dos banshees em tamanho, são deformados e repletos de cicatrizes. E tal como mortos-vivos, são fétidos e demonstram sentir pouca ou nenhuma dor quando atacados.

Os poucos que possuem algum discernimento e inteligência são os mais poderosos entre os furous – os marakis, a ordem mais alta da hierarquia à qual pertencem. Esses cruéis comandantes, ainda mais horrendos e brutais do que os guerreiros, guiam suas tropas diretamente das montanhas de Tyron, mesma região onde se localiza o centro de comando da sociedade furou e raramente são vistos nos campos de batalha. Seus poderes são absolutamente inacreditáveis, podendo ser comparados aos de nossos mais fortes koguns. O restante dos furous pode ser dividido em dois grupos. Aqueles com alguma capacidade de luta são promovidos ao já citados guerreiros, a linha de frente do exército furou e o segmento mais numeroso. Além da aparência sinistra também já mencionada, possuem uma velocidade e força incríveis, bem maiores do que a de nossos soldados médios, além de poderosos armamentos. O outro grupo é o dos escravos, ou peões, a ordem mais baixa dos furous. São servos sem nenhum poder de luta que acumulam as tarefas mais pesadas e denegridoras de sua sociedade. Trabalham incansavelmente na construção de novas bases e produção de armas, equipamentos e unidades militares para os guerreiros. Cabe a eles também a busca de alimento para o exército furou, assim como outras tarefas bastante desagradáveis.

Tendo como principais adversários tais seres amedrontadores, prosseguimos exaustos nesse duradouro conflito. Mas ainda temos esperanças que todo esse terror um dia terá fim. Contudo, apesar de recentemente termos conquistado importantes avanços através do território furou, já alcançando até mesmo a perigosa região de Gyron, sabemos que esta guerra ainda está muito longe de acabar. Enquanto isso, muitos refugiados continuam procurando abrigo não só em nossas maiores cidades ao norte, mas também em localidades mais a oeste e ao sul, principalmente em Mahani, capital do domínio banshee e centro de decisões de toda a nossa sociedade.

Tal cidade abençoada é a mais antiga de nosso domínio e se localiza na parte central de Asíris, na Planície de Tirisfall, lugar distante do norte e ainda intacto pelas forças do mal. Lá vivemos em constante harmonia, prosperidade e paz. Paz somente quebrada quando novas batalhas ocorrem ao norte, fazendo assim com que mais e mais desabrigados cheguem à cidade, famintos, doentes e cansados. Se não sabemos quando nem como tudo isso terá fim, temos



A BATALHA DE KAYABASHI

pelo menos a certeza de que grande parte da resposta está naquilo que ainda há de ser revelado nas entranhas desta terra. Afinal, há muitas perguntas a serem respondidas sobre nossa origem e a origem dessa terrível rivalidade contra os furous. De qualquer forma, esperamos ansiosos pelo dia em que toda a verdade apareça para, talvez, encontrarmos a paz neste mundo. Enquanto isso, nós banshees, continuaremos a duelar contra nossos inimigos mortais com nossos punhos, fuzis e lâminas de guerreiros, sem descansar ou render, até o fim de nossa existência.”



CAPÍTULO 1

YIN CYRUS ASHVICK

Yin Ashvick ainda dormia quando ouviu, do lado de fora, alguém lhe chamando. Era Lwan Ragaro, seu melhor amigo que, mesmo ainda muito cedo, não hesitou em acordar-lhe para contar as novidades:

– Yin, acorda! Você não sabe da novidade. Marcaram o dia do torneio! Será daqui a uma semana! Os outros meninos estão dizendo que esse será o maior já feito!

Yin espreguiçou-se e sentou-se sobre a cama. Demorou um pouco para compreender o que estava acontecendo, mas logo entendeu o que dizia o menino:

– Isso é verdade? – falou, coçando os olhos e com a voz ainda um pouco sonolenta.

– É, venha, vamos lá para fora! Já está tarde. Será que você só sabe dormir? Não lembra do que o mestre vive ensinando sobre preguiça e coisa e tal? Vamos!

De pé e devidamente arrumado, Yin, acompanhado de Lwan, encaminhou-se para fora do dormitório do orfanato onde ambos moravam. Era um menino bastante reservado, ainda que sempre sorridente e educado, de doze anos de idade, pele branca e cabelos castanhos e curtos. Seus olhos cor-de-mel, levemente puxados, contudo, nunca tiveram a oportunidade de conhecer seus pais, os quais foram mortos em uma das muitas batalhas contra os furous. As primeiras lembranças que tivera de sua vida era daquele orfanato, chamado Mao-Ter, no qual sempre morou, estudou e praticou a kogujutsu. Também tinha um mestre chamado Hanai, o fundador e responsável pelo orfanato, e um grande amigo chamado Lwan, um moreninho franzino e simpático, de cabelos lisos e ajeitados, da mesma idade que ele.

O Sol já tinha raiado há algum tempo e o céu estava azul, quase sem nuvens. Por isso, podia-se ver agora claramente no alto, além das faces expostas das duas luas de Asíris - Calisto e Giamate -, um dos fenômenos naturais mais bonitos daquele mundo. Tratava-se das correntes multicoloridas que cortavam



AURA DE ASÍRIS

o céu de Asíris desde o extremo sul até o fim do domínio banshee. Esse exuberante fenômeno era causado por uma reação química proveniente da mistura de diversos gases existentes na atmosfera de Asíris, o que fazia surgir uma espécie de arco-íris permanente, com tons predominantemente lilás, verde claro e amarelo. Contudo, diferente de um arco-íris comum, as Correntes de Ashmaran, como eram chamadas - por causa do nome do cientista banshee que havia descoberto por completo sua composição -, não possuíam uma forma fixa, parecendo estar sempre dançando no céu, em um efeito semelhante a ondulação do mar em calmaria. E tal movimento era, sem dúvida, de uma beleza inenarrável.

A vista de onde Yin morava, por sua vez, oferecia um plano muito bom de toda a cidade de Mahani. Afinal, o Orfanato de Mao-Ter se localizava mais precisamente ao leste da cidade e no alto de uma colina, esta cercada por uma pequena floresta. Mahani era uma cidade muito grande, com a maior parte de sua extensão formada por inúmeras vilas de casas amontoadas e outras pequenas construções residenciais, separadas por ruelas bastante estreitas. Mais para o centro ficava o comércio da cidade e o Palácio Real. Era, por fim, uma cidade que vivia uma época de crescimento, apesar da guerra que assolava o norte de Asíris.

O Orfanato de Mao-Ter, por sua vez, era composto por basicamente quatro construções principais. A maior delas era o prédio principal, no qual se localizava a escola, a enfermaria, o refeitório e as salas da direção. Do lado oposto, havia outras duas construções menores, o depósito do orfanato e o dormitório. Completando o lugar, por fim, havia a grande arena de luta, de cerca de duzentos metros quadrados e construída em cima do extenso gramado que separava o prédio principal do dormitório e do depósito. O gramado, por sua vez, era cortado por vários e compridos roseirais, de flores de diversas cores.

Mao-Ter tinha como alunos, em sua maioria, meninos que, assim como Yin, haviam perdidos seus pais durante a Grande Guerra. Garotos que tinham como uma de suas principais características, portanto, cultivar certo rancor por todas as histórias que seus professores e instrutores contavam sobre os fúros e a situação ao norte. Ficavam, assim, a todo o momento fazendo promessas de vinganças aos seus inimigos mortais e dizendo o que fariam caso enfrentassem algum deles. Na verdade, não tinham muita noção do que estava realmente acontecendo, pois nunca haviam visto um furo, sendo raras as vezes que sequer saíam de Mahani. Iam, no máximo, entre um dia e outro, ao centro, comprar os produtos necessários para a manutenção do orfanato. No caminho, aproveitavam para ver as meninas nas ruas e brincar com os bichos soltos pelas praças e parques da cidade.





Suas rotinas, porém, eram bastante duras. Pela manhã, estudavam conhecimentos gerais na escola de Mao-Ter e, mais tarde, começava o treinamento realizado na arena de luta. Este era o momento mais aguardado do dia por todos os garotos, no qual aprendiam, entre outras coisas, técnicas de luta, meditação e controle sobre a quantidade de Aura que possuíam. A cada ano, tanto nos estudos quanto nos treinos, os alunos capacitados subiam um nível, e assim por diante, até terminarem seu ciclo em Mao-Ter, por volta dos dezesseis anos. E ao final de cada ano, era realizado um tradicional campeonato, chamado Torneio Mao-Ter de Kogujutsa. Os melhores desse torneio, por sua vez, eram de imediato recrutados como soldados do Exército Real, caso desejassem. Yin mesmo, por exemplo, era um dos que mais sonhava conseguir tal feito.

O menino de olhos cor-de-mel e Lwan saíram do dormitório em direção a alguns outros meninos da mesma idade que eles, reunidos perto da entrada do prédio principal do orfanato. Logo que se aproximaram, repararam que já não falavam de outra coisa a não ser o torneio, embora nunca tivessem participado da competição - por serem muito novos. No entanto, não havia nenhuma regra restringindo a idade daqueles que desejassem participar, tampouco a obrigação do participante ser um kogun. A maior parte deles simplesmente dizia que não teria a menor chance contra os mais velhos e, por isso, preferiam não arriscar. Mas Yin era um dos poucos que pensava diferente, talvez pelo fato de saber possuir muitos poderes especiais desde bem pequeno. Sendo assim, depois de ouvir parte da conversa de seus colegas, finalmente esqueceu o sono:

- Olha, na verdade, não me importa o quanto mais velhos ou mais fortes sejam esses meninos, desta vez eu vou estar no torneio.

- Você? Você é maluco, isso sim! - disse um dos garotos, fazendo o restante cair na gargalhada. O mesmo menino então continuou:

- Se você for participar, será o único! Ninguém aqui é louco de enfrentar meninos tão mais fortes que nós. Sabemos que vamos perder!

Lwan, apesar de companheiro inseparável de Yin, concordava com o menino. Também não queria participar do torneio, pois sabia que ainda tinha muito o que aprender. Com o tempo, com certeza ficaria mais forte e se tornaria um kogun, como o seu melhor amigo. Também já havia tentado fazer Yin mudar de ideia outras vezes, mas de nada adiantou.

Naquele instante, passava ao lado deles um grupo de alunos do último nível, que já estava há algum tempo parado a poucos metros, escutando toda a conversa. Não resistindo, um dos mais velhos resolveu provocá-los:

- Ainda bem que sabem que são fracos, pirralhos. - falou ironicamente o menino, de pele sardenta, cabelos castanhos e escovados que caíam na altura de seu ombro. Possuía também olhos bem negros, os quais demonstravam ter naquele momento um certo rancor aparentemente gratuito:

- Não somos não. - respondeu Yin, corajosamente.



O menino então abriu os olhos com força e virou-se para os outros que estavam com ele.

– Vocês ouviram isso? Ele realmente acha que só porque é um kogun tem alguma chance! – e o grupo caiu na gargalhada. – Olha só garoto, espero que desista a tempo dessa burrice, porque vai se arrepender muito depois.

– Não é burrice.

– É sim.

– Não é burrice. Burro é você!

O menino mais velho, não acreditando na ousadia de Yin, se aproximou e segurou-o firme pelo seu casaco de lã cinza:

– O que você disse?

O garoto emudeceu.

– O que você disse? – repetiu o menino sardento. Yin continuou imóvel.

– Olha pirralho, se quer participar do torneio, tudo bem. Será um prazer lhe dar a maior surra da sua vida! Mas eu posso começar agora mesmo...

De repente, uma voz forte foi ouvida ao longe:

– Chega!

O menino largou imediatamente o casaco de Yin. A voz era de Hanai.

– O que está acontecendo? Uma confusão dessas logo cedo? Não é possível! – falou com um tom de voz extremamente nervoso.

– Foram eles mestre, estes pirralhos que...

– Cale-se Inhi, como se eu não conhecesse você. Agora chega. Vocês tem muito que estudar. Yin e Lwan, eu tenho uma tarefa para vocês, para aprenderem a não se meterem em confusão.

– Mas mestre... – tentou retrucar Lwan.

– Silêncio, já falei! Vocês não irão à escola agora, e sim à cidade comprar algumas coisas. E não treinarão de tarde.

– Mas...

– Agora vão! E todos vocês também.

Tanto o grupo dos meninos mais velhos quanto o dos mais novos se dispersou. Antes de ir, Inhi ainda virou-se para Yin.

– Te espero no torneio, pirralho. – provocou, com um tom ameaçador.

A frase logo entrou como uma flecha na cabeça de Yin, que já conhecia Inhi há algum tempo e nunca gostou muito do seu jeito irônico e prepotente. O sardento, por sua vez, sentia certo ciúme daquele menino de olhos cor-de-mel por causa de Hanai, mestre de ambos, o qual sempre lhe dera uma atenção especial. Para ele, esse possível confronto no torneio era mais do que bem vindo. Afinal, sabia que era o mais forte dos alunos de Mao-Ter e, de longe, o favorito para ser campeão do torneio de kogujutsa. A ameaça que havia feito a Yin, portanto, não era por acaso. Mas Yin sabia que se treinasse duro, teria

A BATALHA DE KAYABASHI



chance. Também sabia da confiança que Hanai tinha por ele e isso já era muito. *Te espero no torneio pirralho. Igualmente.* – pensava Yin, naquele momento.

O desabafo de Lwan interrompeu suas reflexões:

– Não acredito! Tudo por causa daquele Inhi. Ele é um chato. Fica implicando o tempo todo com a gente só porque é mais forte. E a gente não teve culpa alguma desta vez. Isso não é justo!

Seu amigo permaneceu calado. Em seguida, junto dele, andou em direção ao portão principal do orfanato para cumprir o que Hanai havia lhes pedido. Atravessaram-no e logo dobraram à esquerda, descendo a colina por uma rua asfaltada e bastante estreita.



CAPÍTULO 2

OS INVASORES

O Sol batia agora com força no rosto dos meninos. Estava realmente muito quente naquele dia e, à medida que as horas passavam, o calor tornava-se ainda mais insuportável. O centro não era muito longe do orfanato mas, mesmo assim, era necessário um tempo razoável para se chegar lá, caso se estivesse a pé.

Logo após descerem a colina, Yin e Lwan chegaram enfim às ruas brancas de Mahani. E assim que andaram mais e mais, notaram que a paisagem - antes formada por pequenas casas - se transformava em prédios cada vez mais altos, separados por vias agora bem mais largas e movimentadas, as quais formavam uma grande malha que entrelaçava a cidade por todos os lados. Também estavam repletas de veículos flutuadores que as cruzavam de um lado para o outro em altíssima velocidade. No centro da cidade havia uma grande feira que vendia de tudo: frutas, roupas, utensílios e equipamentos eletrônicos. Depois de uma longa caminhada, foi lá que os meninos finalmente chegaram.

Nas ruas ao redor da feira, por sua vez, havia o restante do comércio da cidade, com uma variedade igualmente grande de produtos. Àquela hora da manhã, as ruas estavam abarrotadas de gente e bastante barulhentas. Afinal, o centro era onde tudo acontecia em Mahani. Era o núcleo político, econômico e de lazer da cidade.

Um tempo depois, logo após terem comprado algumas frutas, no caminho de volta, Yin e Lwan passaram em frente ao Palácio Real.

O Palácio Real de Mahani era uma obra colossal, sem dúvida a construção mais linda que os meninos já haviam conhecido. Era tão grande e imponente - com uma altura de aproximadamente cento e cinquenta metros - que podia ser visto de qualquer ponto de Mahani. Mas a sensação de vê-lo mais de perto era, sem dúvida, ainda mais avassaladora. Afinal, tal estrutura representava o símbolo máximo do poder que os banshees possuíam sobre Asíris. Fora construído há séculos e ainda era o centro de todas as decisões políticas do domínio banshee. Em seu interior, trabalhavam todos os principais membros do gover-



no, cuja cúpula era formada por um parlamento e pelo rei de Mahani, Serph Montpillés Guidragón.

O palácio tinha toda a sua fachada feita de mármore branco e, à sua frente, perto de onde os meninos estavam, havia o portão principal, de ouro maciço, que, assim como as grades que cercavam toda a construção, reluzia de uma forma extraordinária àquela hora. Além do portão, havia um caminho feito de pequenas pedras brancas, que se estendia até uma escadaria também de mármore que terminava na entrada principal do palácio. Cortando o caminho de pedras brancas na sua metade, contudo, havia um grande e belo chafariz e, a sua volta, um esplendoroso gramado, cercado por um jardim de rosas amarelas, o qual se estendia também desde o portão até as escadas de mármore.

As ruelas ao redor do palácio eram protegidas por um grande número de soldados do Exército Real e, à frente da construção, esse número era ainda maior. Afinal, só possuía autorização para entrar e sair do local soldados ou membros do governo, além da Família Real, sendo estes últimos raramente vistos. Os próprios meninos nunca os haviam visto pessoalmente, somente em telas de transmissão espalhadas por Mahani, nas ocasiões em que o Rei Serph dirigia algumas palavras ao seu povo.

– Yin, escuta, você nunca teve vontade de conhecer o Palácio Real? – perguntou finalmente Lwan, após notar aquela construção majestosa passando bem perto deles.

Yin então virou-se e pôde também vê-lo melhor. E, sem tirar os olhos do palácio, após alguns instantes, respondeu enfim à pergunta de seu amigo:

– Tenho, muita. Ele é realmente bonito. Por quê?

– Nada. Só uma ideia que tive.

– Que ideia?

Lwan então parou suas passadas, logo seguido de Yin, e olhou com mais firmeza para o palácio. Então virou-se para seu amigo:

– E se a gente resolvesse entrar aí?

– Entrar aí? Você está maluco?

– Não, é sério. Eu também sempre tive vontade de conhecer o Palácio Real. E além do mais, nós temos tempo. O mestre disse que a gente não treinaria de tarde, então não precisamos voltar agora.

– Mas não podemos entrar aí. E além do mais, olha quantos soldados este lugar tem. Não imagino o que aconteceria se fôssemos pegos.

– Não vamos. É só a gente tomar cuidado.

– Lwan, você está maluco mesmo. Venha, vamos embora.

– Yin, por favor. Eu sei que a gente já se meteu em confusão hoje, mas essa é uma que realmente vale a pena!

– Lwan, olha, eu também tenho muita vontade de conhecer o palácio mas...



– Então pronto! – seu amigo logo o interrompeu. – Você sabe que nunca teremos chance de conhecer este lugar, a não ser escondidos. E como somos novos, não vão nos fazer mal se formos pegos.

Yin então parou, pensou e coçou a cabeça. Mesmo já estando um pouco longe do portão principal do palácio, pôde ver nitidamente os também reluzentes fuzis dos soldados que o guardavam. Decididamente não era uma boa ideia. Mas, logo em seguida, fitou novamente o prédio por inteiro e a tentação começou a crescer dentro dele. Algo dizia que ele deveria correr o risco, pois a recompensa seria gratificante.

– Como vamos entrar aí? Olha quantos soldados este lugar tem. - repetiu.

– Eu sei como. – garantiu Lwan, sorrindo.

Alguns minutos depois, um pequeno flutuador militar de carga chegava a um dos portões laterais do palácio. Em seguida, diminuiu a velocidade e parou. Um soldado então encaminhou-se à lateral do veículo e olhou pela janela do motorista:

– Senhor.

Então a passagem foi liberada. O flutuador seguiu até chegar ao estacionamento do palácio e, instantes depois, parou em uma das vagas livres. Em seguida, desceu o motorista, que logo se encaminhou para uma das entradas menores do edifício. E, logo após se encontrar a alguns metros de distância, o compartimento de carga de seu veículo abriu. De dentro saíram Yin e Lwan.

– Conseguimos! – alegrou-se o segundo, respirando fundo e sentindo o ar voltar-lhe depois de um certo tempo.

– E agora? – perguntou Yin. – Como vamos entrar lá?

Lwan deu uma breve olhada por cima dos demais veículos estacionados e, em seguida, abaixou-se novamente.

– Vamos, por aqui.

O estacionamento era enorme e ficava na ala oeste do Palácio Real, ainda em sua parte externa. Mais ao sudeste, havia o jardim e o gramado que terminavam na entrada principal do edifício. No entanto, os meninos sabiam que não podiam seguir por aquele caminho, pois era o acesso de mais movimento. Tinham que procurar outra entrada. Felizmente, o lugar era cheio delas, inclusive as menores. E nem todas eram bem vigiadas.

Escondendo-se por entre os veículos estacionados, ambos chegaram a uma entrada de serviço na lateral do prédio. Assim que se aproximou, Lwan abriu com cuidado, o suficiente para permitir que ele e seu amigo passassem. Em seguida, percorreram um longo corredor e se depararam com um quarto. Era um lugar escuro e, por isso, a visão dos garotos demorou um pouco para se acostumar. Afinal, iluminando o local havia somente algumas luzes vermelhas no teto. Provavelmente, aquele quarto fazia parte do sistema de força do edifício, pois só o que havia nele eram cabos e painéis eletrônicos presos na parede.



AURA DE ASÍRIS

Enquanto andavam, Yin e Lwan subitamente escutaram alguém abrindo a porta pela qual tinham acabado de passar. Aproveitando a escuridão, se esconderam embaixo de uma mesa de aço, no canto da sala, e não demoraram a começar a suar frio. Um sujeito parou bem diante da mesa e pegou algumas ferramentas. Em seguida, se afastou um pouco e começou a consertar alguns fios na parede, com a ajuda de uma lanterna. Logo depois saiu.

Aliviados, os meninos enfim saíram do esconderijo e se dirigiram ao corredor oposto àquele por onde haviam passado. E, para a surpresa de ambos, chegaram a outro quarto semelhante ao anterior. Em seguida, passaram por outro corredor e um outro quarto igual. E assim foi por mais alguns ambientes, todos idênticos. Ao final do último, porém, havia somente a parede.

- Não acredito! - reclamou Lwan. - Este lugar não tem saída!
- O que a gente faz agora?
- Temos que voltar, não tem jeito.

Mas logo depois do garoto de pele morena dar seu palpite, escutou outros passos vindo em sua direção. Acompanhado de Yin, rapidamente procurou algum outro esconderijo mas, desta vez, não encontrou. Os dois, desesperados, olhavam para todos os cantos e nada, à medida que os passos se aproximavam depressa. O som de botas pisando com força o chão parecia cada vez mais ameaçador.

Foi quando Yin olhou para cima e notou um pequeno orifício redondo, no teto. Estava selado por uma grade de metal, mas era a única saída que encontrara. Os meninos então puxaram um caixote que estava no canto do quarto e subiram. No entanto, não demoraram muito a perceber que a distância entre eles e a passagem ainda era muito grande. Yin então, fazendo certo esforço para equilibrar-se, subiu nas mãos de Lwan e tentou puxar a grade com força, sem sucesso. Notou que a mesma estava presa por dois pinos nas extremidades. Já suando muito, desatarraxou por fim os pinos com as próprias mãos e retirou a grade.

Olhou para dentro do buraco e, espremendo a vista, conseguiu reparar em uma pequena escada seguindo na vertical. Tomou impulso e saltou, segurando-se em uma das hastes da escada. Em seguida, foi a vez de Lwan, sendo apanhado de imediato pelo braço por Yin.

Com ele e seu amigo já dentro do buraco, Yin recolocou a grade na sua posição original e começou a subir, acompanhado de Lwan, mesmo sem ter ideia de onde aquele pequeno túnel iria terminar. Neste instante, os dois soldados finalmente chegaram ao quarto:

- Isto não estava aí quando passamos. - disse um deles, referindo-se ao caixote movido pelos meninos.
- É realmente estranho. - respondeu o outro, apontando a lanterna para dentro do buraco, de onde não viu nada.

– Deve ser o pessoal da manutenção. Eles mexem nas coisas e não colocam no lugar. É sempre assim. Vamos. – o soldado então colocou o caixote no lugar e se foi, acompanhado do outro.

Dentro do buraco, a sensação dos meninos é que a passagem era menor do que parecia. E quase não se enxergava nada. Já haviam subido muitos metros e o que havia agora era somente um breu quase total. Mas, antes que comessem a se arrepender de sua ousadia, enxergaram enfim um pequeno ponto de luz bem ao longe. Apressaram a subida e logo puderam ter um pouco de descanso.

O ponto de luz era uma saída de ar para fora do edifício. Olharam por entre o buraco e puderam ver a altura em que já se encontravam. Nunca haviam visto a cidade de Mahani tão pequena daquele jeito. No entanto, não podiam perder tempo apreciando a paisagem. Tinham que se apressar.

A direção a seguir agora era uma só, desta vez na horizontal. Acima o duto continuava, mas sem escada alguma. Seguiram abaixados e, alguns segundos de escuridão depois, puderam enxergar outro ponto de luz mais à frente. Logo concluíram que se tratava de outra saída de ar, desta vez para a parte interna do palácio.

Olhando pelo novo orifício, puderam ver um corredor largo e bem iluminado. Contudo, no mesmo instante, viram alguns soldados passando e decidiram esperar. Quando o local pareceu se esvaziar, os meninos saltaram em direção ao corredor, cujo piso era composto por tábuas de madeira corrida e parecia maior e mais bonito do que antes. Presos nas paredes, de cor amarelo claro, haviam alguns quadros e esculturas feitas de mármore, todas praticamente bustos de pessoas desconhecidas para Yin e Lwan.

Ao longo do corredor, haviam também algumas pilastras circulares também de mármore, as quais se estendiam desde chão até o teto e com um grande vaso de planta ao lado. E mais uma vez, sem tempo para apreciar o lugar, foi atrás de um deles que os garotos se esconderam antes de seguirem em frente.

Outros soldados passaram por ali sem notar a presença dos dois. Logo que se foram, os meninos finalmente prosseguiram. Por um tempo, esqueceram que eram intrusos e apreciaram encantados a beleza do lugar. Ao final do corredor, haviam outros dois idênticos, um seguindo para direita e o outro para esquerda. Escolheram o primeiro. Ao seu final, porém, não havia apenas uma pequena porta de aço com um pequeno painel eletrônico ao seu lado. Resolveram voltar, seguindo pela passagem da esquerda. Desta vez, ao final, havia uma imensa porta de madeira, protegida por dois soldados. Antes que pudessem vê-los, Yin e Lwan se esconderam novamente, desta vez atrás de uma das pilastras de mármore.

– Atrás dessa porta deve haver algo importante! Olha o tamanho dela! – exclamou baixinho Lwan.



- O que vamos fazer? – perguntou Yin.
- Não sei, só não podemos voltar.
- Mas não podemos ir por ali.
- Já sei! – Lwan teve uma ideia. Tirou do bolso um pequeno saco marrom

feito de couro e amarrado por um barbante. Em seguida, arrastou-se pela parede e voltou até o corredor principal, o das pinturas e bustos. Então inclinou-se para ver se vinha alguém. Certo de que a barra estava limpa, virou seu braço e arremessou com força o pequeno saco no chão do corredor. O impacto causou um barulho enorme, semelhante a um estalo e, de repente, uma fumaça branca começou a sair de dentro do objeto. O menino então voltou depressa para onde estava Yin e se escondeu novamente. Os soldados que protegem a grande porta de madeira logo correram para ver o que havia acontecido. Aproveitando que haviam deixado agora a entrada desprotegida, Yin e Lwan seguiram em frente, exatamente através dela. E, logo que passaram, fecharam-na com cuidado.

Chegaram, desta vez, a um saguão coberto e mal iluminado. Repararam melhor e constataram que o local era na verdade uma arena de luta, fato que os deixou, ao mesmo tempo, surpresos e maravilhados. Afinal, apesar da arena da escola de onde moravam ser bem maior que aquela, esta última era muito mais bonita. Depois de correrem os olhos por cada detalhe do salão, observaram, por fim, os ramos de rosa gravados nos azulejos cor de cobre que compunham o chão daquele local, formando um belo mosaico. Em seguida, resolveram seguir mais uma vez em frente, mas sem se arriscarem a passar pelo meio do mosaico, pois ficariam muitos expostos. Contornaram-no lentamente até chegarem do outro lado, a um outro corredor. Ao seu final, por sua vez, havia mais uma porta de madeira, idêntica a outra. Percebendo que, diferente da anterior, ninguém tomava conta, os meninos corajosamente resolveram abri-la, constatando, mais uma vez surpresos, que estava também destrancada.

Foi quando deram de frente com uma pequena sala, que, felizmente, estava vazia. Ao seu centro, havia uma escrivaninha de madeira com um computador e, junto às paredes, diversas estantes e pinturas, dando a entender que o local era algum tipo de escritório. Ao fundo, havia uma janela imensa que dava para a parte externa do palácio, para a direção norte, a oposta ao do portão de entrada feito de ouro. Aproximaram-se dela, pisoteando um tapete avermelhado no chão e o que viram foi absolutamente fantástico.

Lá embaixo, havia mais um imenso gramado, repleto de soldados enfileirados, fardados de branco e marchando com seus fuzis empunhados. Diante da tropa, havia um sujeito com uma espada levantada, desta vez com uma vestimenta parda, parecendo dar algum tipo de ordem. Os meninos nunca tinham visto tantos soldados reunidos e os olhos de Yin logo brilharam, ao mesmo tempo em que seu sonho de fazer parte do Exército Real ficava mais inabalável.



Dirigiu então o olhar novamente para o homem na frente da tropa e arriscou um palpite:

– Acho que aquele é o general.

Mas antes que pudessem dizer mais alguma coisa, uma voz cortou completamente sua excitação:

– Não é.

Os meninos instintivamente congelaram de medo. A voz que viera atrás deles era grossa e apavorante. Haviam sido descobertos. Assim que viraram, bem lentamente, para poder ver quem falava, notaram um sujeito alto, forte, de cerca de um metro e oitenta e cinco de altura, vestindo uma farda verde escuro, com um ramo de rosa prata costurado do lado esquerdo do peito. O homem também usava uma capa, da mesma cor da farda, e botas negras, além de uma enorme espada em sua cintura. A claridade que vinha da janela permitiu Yin e Lwan verem também melhor suas feições, de cor bem morena, semelhante à de Lwan e cabelos ralos e negros, da mesma cor de seus olhos.

– Ele não é o general. O general sou eu. Ele é apenas um capitão, por isso está fardado de pardo.

Estarrecidos, os meninos olharam alguns segundos para o sujeito e, mudos, imaginaram o que poderia acontecer com eles a seguir. Percebendo o medo em seus olhares, o homem resolveu então se apresentar:

– Meu nome é Irwind Heatbolth, general de Mahani. E vocês, pequenos invasores, quem são?

Os dois ainda permaneceram mudos por mais alguns segundos. Estavam com os olhos arregalados e tremiam, apavorados o suficiente para não conseguirem mexer qualquer músculo naquele momento.

– Vocês não vão falar?

Neste momento, um capitão entrou pela sala, gritando.

– Senhor, algo aconteceu, esta área pode ter sido invadida e... – logo parou de falar. – Meu Deus, quem são esses meninos?

– São os invasores. – respondeu Irwind.

– Ora, mas são apenas meninos? Como puderam ter tanta ousadia?

E o homem de pardo se encaminhou em direção aos meninos para prendê-los.

– Espere.

– Senhor?

– Você não irá prendê-los, pelo menos não até eu ordenar.

– Mas senhor, eles violaram as leis, devem ser punidos.

– Capitão, já dei minha ordem. Pior do que a atitude destes meninos foi a incompetência de seus soldados em deixá-los entrarem aqui.

– Mas senhor...

– Já disse. Agora espere lá fora.



AURA DE ASÍRIS

– Sim senhor. – e o capitão se foi.

Voltando o olhar para os garotos, Irwind tentou retomar a conversa:

– Como é? Não vão falar? Estou esperando.

Depois de algum tempo, Yin finalmente resolveu quebrar o silêncio:

– Senhor, peço que nos desculpe. Só entramos aqui por curiosidade, nada mais. Sei que o que fizemos é errado e queremos que não nos faça mal.

– Como é seu nome menino?

– Yin.

– E o seu?

– Lwan.

Bom, meninos, o que fizeram é realmente inaceitável. Poucas pessoas estão autorizadas a entrar neste lugar, muito menos crianças. Por muito menos eu puniria meus soldados severamente. Mas como vocês conseguiram chegar até aqui, eu vou lhes dar um desconto.

– O senhor não vai nos fazer mal?

– Não, não vou. Mas espero que tenham aprendido a nunca mais entrarem no Palácio Real. Não serei tolerante novamente, entendido?

Os meninos balançaram a cabeça positivamente.

– Que bom. Mas me digam uma coisa, como conseguiram chegar até aqui?

E Lwan resolveu falar:

– Ah, não foi tão difícil, nós somos espertos.

– Sei.

Irwind Heatbolth realmente havia percebido o quanto Yin e Lwan eram espertos. Afinal, conseguiram passar despercebidos, até com certa facilidade, pela segurança do lugar mais bem protegido da cidade de Mahani. Mas havia algo além que chamava a atenção do general. Afinal, podia sentir que aquele menino de olhos cor-de-mel diante dele, chamado Yin, possuía uma quantidade enorme de Aura dentro de seu corpo, se comparado a outros meninos de sua idade. E Irwind tinha o dom, acima de todos os outros, de perceber rapidamente a presença dessa energia, assim como sua concentração. Logo imaginou, portanto, que aquele garoto pudesse ser um kogun, e um dos mais fortes, apesar da sua idade. Intrigado, resolveu então fazer mais algumas perguntas:

– Em que lugar de Mahani vocês moram?

– Nós moramos num orfanato, um pouco longe daqui. - respondeu Lwan.

– E quem é o responsável por lá?

– É o senhor Hanai.

– Hanai? Hanai Ashvick?

– Sim. - respondeu dessa vez ambos os garotos, em uníssono.

Irwind não se conteve e deixou escapar um leve sorriso. *Hanai, você é realmente esperto* – pensava ele. Conhecia Hanai há muito tempo, desde a época em que serviram juntos no Exército Real e sempre o havia considerado o

A BATALHA DE KAYABASHI



guerreiro mais poderoso de toda Asíris. E uma pessoa muito sábia também. Naquele momento, notou que seu grande amigo já havia percebido a força fora do normal de Yin e, talvez por isso, o havia escolhido como um de seus alunos.

E isso era realmente verdade, ainda que houvesse outros detalhes mais significativos. Afinal, Hanai estava presente na batalha em que os pais de Yin foram assassinados e o salvou da morte diante de centenas de furous. A batalha fora perdida, mas a vida de Yin não. Logo notando o quanto aquela criança em seus braços era especial e sentindo também de imediato o grande poder daquele pequeno e frágil kogun, resolveu então criar o menino tal como um filho, adotando-o e dando-lhe seu sobrenome. Não muito depois, deixou definitivamente o exército para se dedicar apenas a cuidar de meninos órfãos, iguais a Yin. Irwind, porém, continuou a seguir carreira no exército e chegou ao posto de general com quarenta e dois anos de idade, três a mais do que Hanai.

Percebendo o longo silêncio do general, Yin finalmente perguntou:

– O senhor o conhece?

Irwind Heatbolth caminhou então em direção à grande janela do seu escritório. Toda a tropa já se dispersava no imenso gramado. Depois de um tempo respondeu:

– Hanai Ashvick é o kogun mais poderoso que já conheci. Vocês tem sorte de tê-lo como mestre.

Logo depois de terminar a frase, o capitão que aguardava do lado de fora bateu na porta.

– Senhor?

– Já estamos saindo. – respondeu Irwind.

Os três então saíram da sala.

– Pode deixar capitão, eu mesmo levo estes dois para fora. Não se preocupe.



CAPÍTULO 3

DE VOLTA AO ORFANATO DE MAO-TER

Irwind começou a encaminhar Yin e Lwan finalmente para fora do Palácio Real. No trajetória de volta, passou novamente pela arena que se encontrava próxima ao seu escritório. Neste momento, Yin não se conteve:

- É uma arena muito bonita, senhor.
- É o meu local de treinamento.
- Nós também temos uma arena. Lá onde moramos. Não é tão bonita quanto esta, mas é bem grande.

Foi então a vez de Lwan falar:

- É, mas dentro de alguns dias vai estar tão bonita quanto, por causa do torneio de kogujutsa.
- Torneio? – Irwind se mostrou curioso.
- É, o senhor não sabe? Em uma semana acontecerá um torneio em nosso orfanato e os melhores serão escolhidos para fazerem parte do Exército Real. Pena que não vamos participar, porque somos muito novos.

O general então se deu conta do que os meninos falavam. Lembrou do acordo que ele pessoalmente tivera feito com os responsáveis pela maior parte dos locais que ensinavam kogujutsa e outros tipos de artes marciais em Asíris. Acordo no qual estava previsto que os jovens que mais se destacassem nesses lugares seriam treinados pelo governo. Em troca, o próprio governo forneceria verbas para sustentar tais instituições. Era uma medida que, acima de tudo, visava tirar jovens necessitados e de baixa condição social, como Yin e Lwan, da ociosidade e, principalmente, da criminalidade, cujos índices haviam recentemente aumentado muito em toda Asíris, principalmente nas cidades situadas mais ao norte, as mais pobres de todo domínio banshee. Contudo, mesmo com essa medida, muitos dos meninos do Orfanato de Mao-Ter, após terem cumprido seu ciclo aos dezesseis anos, não conseguiam um bom emprego e terminavam por se envolver em atividades ilegais e perigosas pelo mundo.

- Eu vou participar. – rebateu Yin. – Não importa se eu sou novo. Eu quero participar.



AURA DE ASÍRIS

Saindo da arena pela entrada principal, os três seguiram e chegaram à porta de aço com um painel ao seu lado, a qual Yin e Lwan já haviam visto antes. Irwind então tomou a dianteira e apertou uma sequência de botões no pequeno painel, fazendo a porta se abrir. Os meninos notaram que se tratava de um elevador, com uma curiosa forma de cápsula. Depois que entraram, o general apertou o botão para o primeiro andar. Em seguida, falou:

– Você está certo em participar Yin. Só se lembre de uma coisa: acredite na sua Aura e tudo será possível.

– É só acreditar na Aura?

– Isso. Confesso que não tive dificuldades em perceber que você é um kogun. E um kogun com grande potencial. Por isso, o que deve fazer é só acreditar em si mesmo.

O elevador descia e se aproximava do seu destino final. Quando alcançou enfim o saguão principal do Palácio Real, o tubo por onde passava se tornou transparente, fornecendo-lhes uma visão panorâmica e privilegiada daquele nível. Os meninos mais uma vez ficaram encantados com a beleza e magnificência do lugar.

– Este lugar é realmente bonito! – apreciou Lwan.

– Ainda há muitas coisas belas neste palácio. Um dia mostrarei tudo para vocês.

– Você promete?

– Prometo.

– Escutou Yin? Um dia voltaremos aqui e não precisaremos nos esconder! Mas não sei, parece que tem ainda alguma coisa faltando...

– O que?

– Pena que não conhecemos o rei.

– Vocês deram sorte. Vou cuidar de tudo para que o rei não saiba que seu palácio fora invadido por dois garotos abusados.

Lwan então calou-se e o elevador chegou enfim ao térreo. Os três se encaminharam para a entrada principal do saguão, cruzando lentamente toda sua extensão. Antes que chegassem ao final, porém, observaram as esculturas feitas de mármore dos antigos reis de Mahani, grandes e belíssimas, as quais formavam duas fileiras que seguiam paralelamente até a entrada principal. Pelas feições amigáveis das estátuas, Yin e Lwan imaginaram que estivessem os perdoados – assim como Irwind – pela ousadia de terem invadido descaradamente seu palácio. Chegaram, enfim, ao lado de fora e sentiram o Sol voltar a bater em seus rostos. Em seguida, desceram a escadaria de mármore, passaram por todo o caminho feito de pedras brancas, pelo enorme chafariz até alcançarem finalmente o portão principal dourado. Irwind então lhes falou uma última palavra:

– Garotos, espero que tenham entendido. Nunca mais entrem aqui, pelo menos não sem minha autorização, certo?

– Certo.



– E digam a Hanai que em breve lhe farei uma visita. Irei à escola de vocês no dia do torneio. Eu prometo. E espero ver você participando Yin.

– Sério? Será uma honra, senhor. Farei o meu melhor, pode ter certeza.

– Muito bem. Agora vão.

Já fazia tempo que Irwind não via Hanai, pois seu cargo o consumia bastante tempo. Diante daquela situação, entendeu-a como um chamado para reencontrar um velho amigo. Mas, naquele momento, não podia pensar nisso. Tinha que voltar à sua obrigação. Durante o caminho de volta, encontrou Asteron Drogny, um dos capitães do Exército Real em Mahani que lhe aspirava maior confiança. O capitão, de altura semelhante à de Irwind e de longos cabelos alourados e presos, estava aflito por não achar seu superior em lugar algum.

– Senhor, onde estava? Procurei-o por toda parte.

– Fale Asteron.

– É sobre Gyron.

– Alguma novidade?

– Notícias terríveis senhor.

– Venha, vamos até a minha sala. Chame os outros capitães.

Já era de tarde quando os meninos chegaram de volta ao orfanato. Todos os outros já treinavam na arena. Hanai, notando a volta deles, desabafou:

– Como demoraram! O que andaram fazendo? Por acaso cumpriram o que eu mandei?

Os meninos entregaram o saco com frutas.

– Muito bem. Mas me digam, por que demoraram tanto?

– Senhor, antes de contarmos tudo, queremos lhe dar um recado do senhor Irwind.

– Irwind? – Hanai exclamou, sem entender.

– É, ele disse que em breve fará uma visita ao senhor. Ele virá aqui no dia do torneio de kogujutsu.

– Isso é verdade?

– É. Ele pediu pessoalmente para que falássemos com o senhor.

– Entendo. Mas como diabos vocês conheceram Irwind? Não me digam que...

Era decididamente uma longa história.

Naquele momento, uma reunião já havia se iniciado no escritório do general Heatbolth. Nela, estavam todos os membros mais importantes do Exército Real presentes em Mahani:

– Não é possível! – O grito pôde ser escutado de muito longe. – Como isso foi acontecer? Estávamos avançando rapidamente!

– Também não sabemos senhor, o fato é que todos os nossos esforços em direção às montanhas de Tyron foram em vão. Como disse, todas as nossas tropas que ocupavam parte do território furou, na região de Gyron, foram com-



pletamente aniquiladas. – frisou um dos capitães, jogando em cima da mesa do general várias imagens que representavam a mais recente varredura daquela parte do território furou, feita pelos radares banshees ao norte.

– Aniquiladas como?

– Também não sabemos, senhor. Algo de muito estranho aconteceu naquela região. Como você pode ver, comparando estas duas imagens... – o capitão então mostrou uma das fotografias a Irwind, a qual havia sido gerada pouco antes da súbita derrota das tropas banshees. Em seguida, mostrou a mais atual, já sem os pontos azuis simbolizando as unidades amigas. A diferença de tempo entre a geração dessas duas imagens era curta, cerca de meia hora somente. Então concluiu: – Parece que tudo aconteceu muito rápido.

Interrompendo, um dos capitães presentes falou:

– Foram os furous, senhor. Segundo as últimas transmissões que recebemos de lá, fomos informados que eles se tornaram inexplicavelmente mais poderosos e resistentes.

– Mas como isso é possível?

– Não sabemos, senhor.

– Pelos Deuses! – Irwind então parou um pouco, respirou e voltou o olhar a Asteron, que estava ao seu lado. – Há, por acaso, alguma chance de retomarmos o que havíamos conseguido em Gyron?

– Não creio senhor. Afinal, segundo nossas últimas leituras, ainda mais recentes do que estas, algumas tropas furous passaram também a se organizar de tal forma que parecem estar com a intenção de avançar em direção à Marahana e, conseqüentemente, para a nossa base aérea, agora sem nenhum obstáculo poderoso à sua frente. E infelizmente, como todos sabem, a atmosfera pesada que cerca o domínio furou impede que nossos radares, até mesmo os mais fortes, realizem uma análise mais apurada e detalhada do território do inimigo, bem como todas as suas ações por lá. E de muito menos serventia são nossos satélites para esse fim, como é sabido. Por isso, essas informações são as únicas que temos.

A Base Aérea de Marahana, nosso Diamante Negro. Devemos agora concentrar nossos esforços para protegê-la. – Foi a primeira atitude a ser pensada por Irwind. Em seguida, concluiu:

– Convoquem todos os outros do conselho. Vamos nos reunir com o rei e com o parlamento para explicarmos nossa situação. Temos que tomar alguma atitude.

– Sim senhor.

Mais poderosos e resistentes? Como pode ser? Como tudo isso foi acontecer?

– Perguntava-se Irwind. A única coisa que sabia é que, de uma hora para outra, passou a ter um mau pressentimento sobre o futuro.

CAPÍTULO 4

UM JOVEM OBSTINADO

Depois dos meninos explicarem tudo para Hanai, seu mestre parecia não acreditar no que tinha acabado de ouvir. Porém, resolveu não punir os garotos, já que Irwind não o havia feito. Entendeu que sua decisão tinha sido justa. No entanto, não podia deixar de mostrar sua autoridade:

– Meninos, o que vocês fizeram foi muito errado! Vocês deram sorte de encontrar Irwind, que teve piedade de vocês. Podiam ter saído machucados ou... – parou um pouco e continuou – Muito bem. Acho que aprenderam a lição. O castigo de vocês será mantido, não treinarão hoje e agora ainda ajudarão a limpar a escola até a noite, por causa desse último feito.

Os meninos abaixaram a cabeça, descontentes.

– Agora vão. – ordenou Hanai.

Yin e Lwan dirigiram-se ao depósito, ao lado da arena, para pegar o material de limpeza. O segundo então falou:

– O mestre até que foi legal com a gente. O chato vai ser ficar limpando a escola até de noite.

Yin não estava se importando muito com aquilo. A única coisa que não saía de sua cabeça era todas as belezas que havia visto no Palácio Real. Contudo, uma visão em específico chamou-lhe mais atenção do que tudo. Todos aqueles homens, fardados de brancos, empunhando seus fuzis. Quantas aventuras aqueles soldados iriam viver ou que já haviam vivido em sua carreira? Lembrou de Irwind falando que servira junto com Hanai alguns anos atrás. Quantas batalhas os dois já haviam lutado juntos? Quantos lugares fantásticos já haviam conhecido? Asíris era muito grande e tudo que Yin conhecia era somente aquele orfanato e parte de Mahani.

Por isso, há algum tempo sentia-se preso, angustiados. Sabia que dentro de alguns anos teria enfim sua liberdade, mas algo dentro dele dizia que não podia esperar mais. Por isso, decidira participar do torneio. E agora que Irwind Heatbolth, ninguém menos do que o general de Mahani, havia lhe confessado sua presença, tinha que se esforçar ao máximo, mesmo sabendo que era mui-



to novo para fazer parte do Exército Real. Mas tinha de tentar, chamar-lhe a atenção de alguma forma. Afinal, o mundo o chamava lá fora, e ele não podia negar tal chamado.

Outra razão para sua decisão era, conforme dito, o fato de saber que era consideravelmente diferente dos outros meninos. Durante o treinamento, não perdia uma luta sequer contra um outro kogun da sua idade, qualquer que fosse, sempre se demonstrando mais rápido, forte e inteligente e, por isso, achava que tinha chance também contra os meninos mais velhos. Os outros alunos também nunca entenderam o porquê dessa diferença de Aura e, por isso, tinham certa inveja de seus poderes. Lembrou do que Irwind havia dito: *Acredite em sua Aura e tudo será possível* – pensava. Hanai já havia lhe dito a mesma frase inúmeras vezes. Lembrou também de outro desejo do general. *Espero ver você participando Yin. Será um prazer.* – pensou, abrindo um leve sorriso, enquanto já esfregava com força um pano úmido no chão de um dos corredores da escola do orfanato.

A tarde passara rápido e a noite começava a dar as caras em Mahani. O Palácio Real já estava todo iluminado, realçando mais ainda seu brilho alvo no véu agora negro do céu. Em umas das partes mais altas do edifício, uma reunião importante estava prestes a começar. O Salão Dourado, que levava esse nome exatamente pela cor predominante em seu interior, era o local onde aconteciam as reuniões do governo, sendo talvez, o maior e o mais belo de todo palácio. Irwind, Asteron e os outros capitães aguardavam pacientemente a chegada do Rei Serph para divulgar o que havia ocorrido em Gyron e lhe comunicar um novo plano estratégico. Pontualmente, o rei, junto com sua família e os membros mais altos do parlamento, adentraram pela grande porta de madeira em frente do salão. Em seguida, percorreram todo ele e dirigiram-se à bancada localizada na parte superior daquele recinto, que se assemelhava a um grande auditório.

O rei então sentou-se ao meio, junto com os outros membros do parlamento, enquanto a rainha Arisha e seu filho, o príncipe Serphin, se acomodaram mais ao canto. O Rei Serph Montpillés de Guidragón era bastante conservado para os seus cinquenta e oito anos de idade, e tal jovialidade se refletia em seu cabelo e barba, com ainda pouquíssimos fios brancos. Arisha de Guidragón, por sua vez, era de fato nova, vinte anos mais que seu marido. Era uma mulher belíssima, de cabelos loiros e olhos azuis. Seu filho Serphin era muito parecido com ela e tinha nove anos de idade.

Logo após todos se acomodarem e o silêncio imperar no salão, Serph começou o discurso, dispensando o auxílio do microfone em cima da bancada, com o tom de voz firme como de costume:

– Senhores, está começando neste momento a reunião a qual fui convocado às pressas pelos membros do conselho militar de Mahani. General



Heatbolth, devo lhe confessar que tal urgência não me deixa com bons sentimentos. Na última vez que nos reunimos, recebi boas notícias suas, espero que elas se repitam.

Irwind então se levantou:

- Majestade, lamento informar que desta vez não lhe trarei boas notícias.

- O que há?

- Fui informado que nossos avanços em direção às montanhas de Tyron foram em vão. Nossas tropas, que já estavam presentes em território inimigo há um bom tempo, foram inexplicavelmente aniquiladas pelas forças furous quando estávamos em vantagem.

- Aniquiladas?

- Exatamente majestade.

- Não compreendo o que me diz general. Da última vez o senhor me disse que estávamos progredindo, e que em poucos meses chegaríamos ao extremo norte do domínio inimigo. Era a campanha mais bem sucedida de nossa história, segundo suas próprias palavras.

- Recordo-me de ter dito isso majestade, mas agora a situação infelizmente se inverteu. Com essa perda, a Base Aérea de Marahana, em Kayabashi, a mais próxima da fronteira entre nosso domínio e o dos furous se encontra desprotegida.

- Nossa mais poderosa proteção contra os furous.

- Exatamente. E, além disso, também fui informado que um certo contingente furou está começando a se articular com o objetivo de se deslocar para lá, talvez muito em breve. E numa proporção bem maior do que estamos acostumados a enfrentar.

- Mas ainda não sei se consigo compreender. O senhor me disse que a causa da derrota ainda é desconhecida. O senhor não faz nenhuma ideia?

- Não majestade. Infelizmente não houve nenhum sobrevivente sequer. Nenhuma unidade que tenha retornado, nem terrestre, nem aérea. As comunicações por rádio também foram interrompidas pouco antes dessa misteriosa derrota e parece que tudo ocorreu muito rápido. Só o que temos são algumas gravações, nas quais um capitão, pouco antes de ser morto na batalha, afirma que os furous haviam se tornado inexplicavelmente mais fortes e difíceis de abater.

- Aqueles demônios... Há alguma explicação para isso?

- Se há, não tenho conhecimento majestade. Mas logo pretendo descobrir.

- O que pretende fazer a respeito, general?

- Primeiro, enviarei tropas de Shandara em direção à cidade de Marahana, por precaução, caso haja realmente um ataque maciço dos furous por lá. Mas também tenho outro plano. Pretendo eu mesmo me dirigir a Kayabashi para poder organizar melhor essa possível resistência. Receio que esse suposto ata-



AURA DE ASÍRIS

que possa ser sim um dos maiores já lançados contra nós e, querendo ou não, nossos homens não estão suficientemente preparados para uma ameaça desse grau. Como o senhor sabe, as investidas furiosas ocorrem sempre pontualmente e não em larga escala.

– Mas o senhor não pode correr riscos e não deve deixar seu posto em Mahani.

– Desculpe majestade mas se me permite dizer, estou com um mau sentimento sobre tudo isso. Nunca uma tropa nossa havia sido tão facilmente derrotada. Seja o que for que estiver acontecendo parece muito grave, e diz respeito a toda soberania banshee sobre Asíris.

– Está certo do que diz general?

– Sim majestade.

– Então continue me contando sobre os seus planos.

– Após tal solicitação de deslocamento de tropas, conforme disse, partirei dentro de uma semana em uma missão especial, rumo a Base Aérea de Mahana. De lá, articularei melhor nossos homens para termos uma resistência sólida contra esse possível ataque inimigo e, em seguida, tentarmos retomar o que havíamos conseguido, a todo custo.

– Essas são suas últimas palavras general?

– Sim, são.

– Então, o que nós do governo podemos lhe desejar é boa sorte em sua missão. Que os Deuses de Asíris estejam com você nessa difícil jornada. Confiamos em sua intuição, general Heatbolth, e que suas tropas consigam a vitória, e nada além da vitória.

– Obrigado majestade.

A reunião então se encerrou. Irwind foi o último a sair do salão, acompanhado do capitão Drogny. Enquanto se dirigiam ao elevador, o general falou:

– Asteron, quando eu partir, quero que você assuma meu posto de comandante aqui em Mahani.

– Tem certeza senhor?

– Sim. Você é meu suplente imediato em ocasiões como esta e o mais capacitado para essa tarefa. Esta cidade precisará muito de você enquanto eu estiver longe.

– Obrigado pela confiança senhor.

Após a chegada do elevador, os dois se separaram. Irwind apertou um botão e a cápsula começou a descer, chegando ao andar de seu escritório rapidamente. Em seguida, adentrou em seus aposentos, que ficava bem ao lado. Tirou então a pesada farda verde que vestia, sua capa e sua bota. Tomou um banho, vestiu uma camiseta confortável e uma calça de algodão. Logo em seguida, retornou pelo caminho que havia percorrido, chegando à arena em frente de seu escritório. Acendeu algumas velas no canto, próximas a uma espécie de altar, o



A BATALHA DE KAYABASHI



qual possuía uma mandala – símbolo maior de adoração dos banshees aos seus Deuses – presa bem acima.

Depois se dirigiu ao centro da arena, onde sentou-se, cruzou as pernas e começou a meditar. Refletiu sobre tudo o que ocorrera naquele dia, desde a “visita” de Yin e Lwan, a informação que tivera sobre a nova situação ao norte, até a reunião que acabara de acontecer. Lembrou então novamente de Yin e da sensação que teve quando estava diante dele. *Aquele menino, aquele poder oculto* – pensou. *Será que...?* – preferiu não continuar. Fechou os olhos, procurou esvaziar a mente e logo atingiu um outro estado de consciência, esquecendo da viagem que iria fazer rumo ao norte. Só não imaginava o quão longa e difícil essa jornada seria.

Já era bem tarde e, no dormitório do Orfanato de Mao-Ter, todos os meninos se remexiam nos colchões. Lwan Ragaro também já estava deitado, na cama abaixo de Yin, e desejou-lhe boa noite, retribuído pelo menino. Yin, contudo, preferiu permanecer sentado e, olhando por uma das clarabóias daquele dormitório escuro, pôde ver o imenso céu estrelado daquela noite. Pensava agora somente no torneio e aquilo começava a incomodar-lhe. Porém, sem demora, a quietude do céu interiorizou dentro de si, fazendo-o logo depois, deitar-se e adormecer finalmente.



CAPÍTULO 5

A TÉCNICA SURPRESA DE HANAI

Logo após acordar, Lwan tentou encontrar seu companheiro no dormitório, mas não conseguiu. Imaginou ser tarde e notou que todos os outros meninos ainda dormiam. Pôs-se de pé, ainda com muito sono, para saber onde raios estava Yin. Saindo do dormitório, viu que o dia não havia sequer terminado de raiar. Os poucos raios de Sol permitiram, contudo, que pudesse ver alguém ao longe, no centro da arena do orfanato. Espremeu os olhos e percebeu que era seu amigo que, naquele momento, dava socos e chutes no ar. *Que diabos ele está fazendo de pé a esta hora?* – pensou.

Passou pelo gramado e percebeu que todo o orfanato ainda estava deserto. Cambaleante, andou mais alguns passos e subiu enfim na arena. Chegou então perto de seu amigo e disse:

– Yin, venha, vamos dormir, ainda é muito cedo.

O menino pareceu não ouvir. Alongou-se e, em seguida, recomeçou a sequência de socos no ar.

– Yin, vamos, por favor, depois você continua. – insistiu Lwan.

Novamente em vão. Lwan então desistiu, afinal, a teimosia de seu melhor amigo já lhe era bastante conhecida. Bocejou, coçou a cabeça e sentou-se no chão. – Você é maluco. – murmurou baixinho.

– Pronto, terminei! – exclamou Yin, demonstrando-se exausto.

– Yin, escuta, você não acha uma besteira treinar dessa forma logo tão cedo?

– Não, não acho.

– Yin...

– Lwan, se eu pretendo ganhar esse torneio... – parou um pouco com falta de ar. – Tenho que começar a treinar o mais cedo possível. Eu só tenho uma semana.

– Eu sei mas, desse jeito, não sei. Por que você não fala com o mestre? Ele pode te ajudar.



AURA DE ASÍRIS

– Ele não me entenderia. Eu sei. Agora vamos, o Sol já raiou e precisamos nos arrumar para a aula.

Na saída da aula, à tarde, como não podia ser diferente, Yin estava completamente acabado. Havia cochilado diversas vezes, o que havia lhe rendido broncas severas de seu professor. Mas não podia pensar em descanso, já que ainda havia o treino da tarde. Na hora do almoço, no refeitório da escola, sentou-se ao lado do amigo:

– Lwan, vou precisar de sua ajuda estes dias.

– Minha ajuda? Para que?

– Quero que me ajude no treinamento. Você tem razão, sozinho vai ser muito mais difícil.

– Yin, não sei, não estou tão disposto quanto você. Lembre-se que você é que irá participar do torneio, não eu. E que o kogun da história também é você.

– Lwan, por favor. Só esta semana.

– Yin, não sei.

– Lwan.

O garoto pensou um pouco e olhou para o teto com uma expressão de impaciência:

– Tá bom, eu ajudo. - disse, segundos depois, sentindo-se vencido.

Yin sorriu.

– Mas me diga, você quer que eu te ajude como?

– Hoje quero ficar até mais tarde treinando, depois do treino da tarde. Se você pudesse ficar comigo ia ser legal.

E assim foi. A cada dia, Yin voltava a acordar cedo, vestia sua roupa branca de treino e se esforçava mais e mais. À tarde ficava além do tempo, treinando com Lwan. No final do terceiro dia, Hanai, vendo o esforço anormal de seu discípulo e filho adotivo, chamou-o para uma conversa:

– Yin, estive reparando você esses dias. Noto que está se esforçando mais do que o normal.

– Quero ficar forte para o torneio, mestre. – respondeu Yin, convicto.

Hanai abriu um leve sorriso e respondeu:

– Você acha que pode ganhar?

– Mas é claro que posso!

– Você não acha que é muito novo? Você ainda pode esperar alguns anos.

– Não posso esperar. Sei que tenho muitas chances de ganhar. – parou um pouco e, meio sem jeito, continuou. – Por isso, quero pedir algo ao senhor.

– Fale.

– O senhor pode me ajudar com o meu treinamento? Só esta semana, até a chegada do torneio.

– Você está certo do que está me pedindo?

– Estou.



A BATALHA DE KAYABASHI



– Escute Yin, você ainda é muito novo. Eu sei que você é um menino muito forte, mas mesmo assim eu não consigo compreender essa sua pressa. Além do que, o treinamento que lhes dou já é o suficiente.

– Por favor, mestre.

Hanai pensou um tempo, suspirou e então disse, sentindo-se vencido:

– Se essa é a sua vontade, que assim seja.

A partir daí, nos dias restantes antes do torneio, Yin procurou se esforçar ainda mais, sempre se superando. Com Lwan ao seu lado o tempo todo e Hanai guiando-o, seu treinamento extra tornou-se ainda mais proveitoso e sentia que a cada dia ficava mais forte e veloz, aprendendo, acima de tudo, a controlar mais ainda o grande poder que tinha. E, ao final do penúltimo dia antes do torneio, seu mestre revelou:

– Yin, parabéns pelos seus esforços. Acho que já está preparado para algo mais.

– Algo mais? – Yin ficou curioso.

– Amanhã lhe mostrarei.

Na hora de dormir, o menino ficou imaginando que “algo mais” seria aquele a qual Hanai se referia. Afinal, seu mestre era um sujeito muito forte, que conhecia muitas técnicas, e Yin tentava adivinhar agora qual delas seria lhe ensinada no dia seguinte.

Assim, depois de mais um dia de aula, Yin se dirigiu para a arena, muito feliz pela sua evolução e pelos recentes elogios de seu mestre. Estava ansioso e ao mesmo tempo contente, pois faltava apenas um dia para o torneio. Ao seu lado, como sempre, estava Lwan, que nos últimos dias também havia aprendido muito, mesmo sem perceber. Os dois foram os primeiros a chegar para o treino da tarde, logo seguidos por Inhi e seu grupo. O menino mais velho também havia reparado no esforço extra de Yin e não perdeu a chance de provocá-lo mais uma vez:

– Olha só quem está aqui! – disse, subindo na arena. – É o pirralho que acha que vai ganhar o torneio. E o amiguinho inseparável dele. – falou num tom de deboche. E todos começaram a rir. Yin se segurava para permanecer calado, mas não resistiu:

– Você pode se achar muito forte, mas eu também venho treinando muito esses dias. Não vou perder tão fácil.

– Ah, mas isso eu já tinha reparado. – comentou o garoto. – Fica aí, treinando o dia todo, como se isso fosse adiantar alguma coisa! Também tenho reparado que Hanai tem te ajudado muito. Deve estar com pena de você, um pirralho tão fracote! – Mais risadas então se seguiram.

– Não é. Eu não sou fracote. E eu vou te mostrar!

– Mostra aí então. – Inhi fechou a cara.





AURA DE ASÍRIS

Yin também mudou a expressão e o encarou. Neste exato momento, subindo na arena, Hanai resolveu por um fim na discussão:

– Vocês dois, basta!

O sardento porém, continuou:

– Então, como é pirralho? Estou esperando.

– Amanhã eu te mostro. – sussurrou Yin.

– Eu disse basta! – Hanai desta vez falou com um tom bem mais alto, chamando a atenção dos outros meninos que chegavam para o treino. Logo todos se reuniram em volta dos três.

– Yin e Inhi, de uma vez por todas, se quiserem resolver o problema de vocês, esperem até amanhã. Até lá não quero ver mais brigas, entendido?

Depois de alguns segundos de silêncio, Inhi não aguentou e desabafou:

– Mestre, não entendo porque aceita a ideia deste pirralho participar do torneio. Ele é só um fracote sem chances. E o senhor vem ajudando ele há dias, esquecendo de todos os outros. Isso não é justo!

– Inhi, não lhe devo satisfações sobre minhas decisões, mas mesmo assim vou lhe responder. É direito de todos aqui participar do torneio. Não importa quanto novos são. Essas são as regras. E só estou treinando Yin por um pedido dele. Ninguém mais me pediu tal coisa, senão treinaria a todos da mesma forma... – E foi interrompido por Inhi novamente:

– É mentira! O senhor quer que ele ganhe o torneio. Eu sei.

– O que disse?

Inhi ficou em silêncio

– O que disse? – repetiu Hanai, mais alto.

O menino permaneceu em silêncio. Depois de algum tempo, deu as costas para o seu mestre, caminhando rápido para fora da arena e passando como um trator pela roda formada pelos outros alunos. Hanai chamou-lhe a atenção uma última vez:

– Inhi, volte aqui, não terminei de falar com você.

O jovem pareceu não escutar e Hanai, sentindo sua autoridade ser violada, foi atrás dele. Alcançou-o já a alguns metros da arena. O menino então parou e virou-se:

– Inhi, como se atreve a virar as costas para mim? E por que está agindo dessa forma tão infantil? Eu devia lhe dar uma punição para aprender a se comportar.

O jovem permaneceu quieto, olhando em direção ao chão. Ao longe, todos os meninos prestavam atenção na cena.

– Mestre, o senhor trata este pirralho diferente de todos os outros. Todos os outros meninos acham a mesma coisa. Só não conseguem compreender.

– Cale-se! Como pode ser tão injusto? Não trato ninguém diferente aqui. E ponto. E se tem tanta certeza que pode derrotar Yin, prove isso amanhã.



A BATALHA DE KAYABASHI



Agora vá e esfrie sua cabeça. Na próxima vez que me desrespeitar, não serei tolerante, entendido?

– Sim senhor. – disse baixo, e se foi. Um dos amigos de Inhi foi atrás dele, conseguindo alcançá-lo. O adolescente fez então sua ameaça final a Yin:

– Esse pirralho vai sofrer. Vou provar para o mestre e para todos quem é o mais forte.

No final do treino, no mesmo dia, depois de todos terem ido embora, restava na arena apenas Hanai, Yin e Lwan. O Sol já estava morrendo e o céu começava a tomar uma coloração avermelhada. Havia chegado a hora de Yin Ashvick aprender a técnica secreta de Hanai:

– Muito bem Yin, hoje você vai aprender a voar.

– Voar? – indagou o garoto, maravilhado.

– Isso. Já percebi que está preparado. Aliás, preciso lhe confessar uma coisa. – e Hanai abriu um sorriso. – Com estes novos avanços que você teve nesses últimos dias, mesmo sem saber, está na verdade tão próximo de conseguir esse feito que, se esperasse somente mais alguns dias, aprenderia essa técnica por contra própria:

– Sério? – disse Yin, surpreso.

– Sim. Alguns kogos possuem um talento tão grande que não necessitam, como direi... – Hanai então parou, coçou o queixo fino e pensou um pouco. – ...De seus mestres para aprenderem alguma técnica nova, digamos assim. Isso é muito difícil, mas acontece. E você verá como não terá dificuldade alguma para realizar essa aqui. Porém, só terá hoje para aprendê-la corretamente. Por isso, preste muita atenção.

O menino balançou a cabeça positivamente, apreensivo.

– Lembre-se primeiro que para voar é necessário que torne seu corpo o mais leve que puder. Tão leve quanto a Aura mais pura que existe. Porém, para tornar seu corpo mais leve deve tornar seu espírito mais leve. Os dois sempre estão ligados. Deve livrar-se de qualquer preocupação e sentir sua energia percorrendo todo seu corpo e, em seguida, tudo que está a sua volta.

Yin prestava muita atenção.

– Depois feche seus olhos, soltando o ar bem devagar. Então espere o tempo certo, impulse seu corpo e o alongue em direção ao ar.

Hanai resolveu fazer uma breve demonstração e logo começou a flutuar. Os meninos ficaram maravilhados e surpresos, já que seu mestre raramente demonstrava suas técnicas, sobretudo a do voo. Subiu alguns metros e depois desceu suavemente.

– Agora tente você.

Yin fechou os olhos e tentou focar-se no fluxo de Aura pelo seu corpo e tudo mais. Soltou o ar, ficou na ponta dos pés e nada. Tentou novamente. Em vão.





AURA DE ASÍRIS

– No início é sempre difícil assim, depois tudo se torna simples.

Tentou mais umas cinco vezes sem nenhum resultado e começou a ficar impaciente. *Em breve eu iria aprender essa técnica por conta própria?* – Imaginou se seu mestre não havia se precipitado ao lhe falar aquilo. Olhou para o céu, onde o vermelho estava mais deslumbrante do que antes. Aquilo lhe deu certa inspiração e o fez limpar novamente seu pensamento. *Sinta a Aura e tudo será possível* – lembrou, por fim. Esvaziou então a mente de vez e relaxou o corpo. Segundos depois, sem que fizesse grande esforço, a profecia de Hanai enfim se concretizou. Afinal, quando se deu conta, já estava pairando alguns metros do chão, naturalmente.

Seu mestre deu um leve sorriso, lembrando do quanto estava certo ao dizer que Yin iria aprender a técnica do voo sem dificuldades. Havia chegado a essa conclusão, antes de tudo, por conhecer Yin desde o seu nascimento. Por isso, em um cálculo rápido concluiu que, por causa de seu enorme poder – este reunido e aperfeiçoado ao longo dos seus doze anos – seu discípulo já havia sim criado condições ideais para esse aprendizado específico da kogujutsu, mesmo que muito jovem. Em contrapartida, havia outros koguns que demoravam até mesmo décadas para aprender a arte do voo. Mesmo assim, aquele feito precoce e maravilhoso não deixou de lhe parecer impressionante.

– Estou voando, estou voando! – repetia o menino, agora eufórico. Lwan, à sua frente, também ria timidamente.

CAPÍTULO 6

O TORNEIO DE KOGUJUTSA

Havia chegado, enfim, o grande dia. Mao-Ter estava impecável, todo ele limpo e enfeitado para o torneio. Centenas de bandeirolas multicoloridas, suspensas por cordas, cortavam a grande varanda em frente a entrada do prédio principal. O piso de azulejos brancos da arena, por sua vez, havia acabado de ser lavado pelos funcionários do orfanato e estavam brilhando, assim como os pilares de mármore em cada um dos cantos da arena. Como não haveria aula naquele dia, os próprios alunos ficaram encarregados de ornamentá-la, tarefa que Hanai não abria mão de forma alguma. O Sol brilhava, o céu estava azul e a temperatura estava amena. Um dia perfeito para uma competição daquela importância.

Era também começo de tarde e faltavam somente alguns minutos para começar a cerimônia de abertura. Naquele momento, Yin estava em uma tenda amarelada armada especialmente para o torneio, ao lado da arena, se concentrando junto aos outros lutadores participantes. No local, também estava Lwan, fazendo-lhe companhia. O menino de olhos cor-de-mel estava um pouco nervoso, mas confiante.

– Muito bem, agora que você levou essa loucura adiante, espero que ganhe, cabeçudo. – desejou Lwan.

– Não sei se vou ganhar, mas vou fazer o melhor que puder.

– Não, você tem que ganhar. Ou pelo menos dar uma surra em um desses meninos metidos, ia ser legal.

Yin sorriu.

– E agora você pode voar. E nem todos eles podem, lembre-se disso.

– Eu sei. Mas não pretendo usar essa técnica tão cedo. Vou guardar para quando precisar.

Yin então desviou um pouco o olhar de Lwan e olhou em volta. Não encontrou o que procurava.

– Você está procurando Inhi? – seu amigo perguntou.

Yin permaneceu calado:



AURA DE ASÍRIS

- Tomara que você não pegue ele no início.
- Você acha que eu vou perder para ele?
- Não. Porque o melhor poderia ficar pro final.

Yin sorriu.

Do lado de fora da tenda, Hanai dava instruções para os instrutores do orfanato os quais começariam o sorteio que decidiria a ordem das lutas e que seriam os juízes do torneio. Em seguida, através de um alto falante, todos os meninos foram chamados para o lado de fora da tenda. A partir daí, Yin e Lwan tiveram que se separar, já que só os participantes poderiam seguir em frente. O segundo então despediu-se de seu amigo:

- Yin, você treinou bastante. Lembre-se de tudo que o mestre te ensinou.

Você pode ganhar.

- Eu sei.
- Boa sorte.
- Obrigado. – agradeceu, para logo em seguida juntar-se a fila de meninos que já havia se formado.

Um grande palco coberto havia também sido montado especialmente para o torneio, bem à frente da arena e, conseqüentemente, ao lado da tenda onde estava Yin. Acima da estrutura de madeira havia uma bancada, na qual já estavam presentes os instrutores de Mao-Ter que seriam os juízes das lutas. Atrás dos instrutores, por sua vez, e um pouco mais acima, preso ao fundo do palco, havia um imenso telão, no qual os nomes dos meninos participantes apareceriam e seriam distribuídos aleatoriamente para compor a primeira rodada de duelos. A partir daí, todos eles seriam eliminatórios até sobrarem apenas dois lutadores.

No Torneio Mao-Ter de Kogujutsa havia apenas três regras para se chegar à vitória. Derrotar o adversário de forma que ele não tivesse mais condições de lutar, levá-lo a cair fora da arena ou ganhar o sorteio que seria realizado caso o prazo de cinco minutos para o término da luta se extinguisse, sem que ainda houvesse um ganhador. De acordo com o número de participantes, o campeão precisaria vencer cinco lutas no total, ou seja, aquele torneio iria estender-se por muitas horas, talvez até o final da tarde. Por isso, aquele que vencesse, antes de qualquer coisa, precisaria de muita resistência.

– E agora, começaremos o sorteio da primeira luta que dará início ao torneio de kogujutsa do Orfanato de Mao-Ter. Desejamos boa sorte a todos os participantes. – A voz de um dos juízes na bancada anunciou, logo após chamar os jovens participantes para fora da tenda.

Neste exato momento, Inhi juntou-se finalmente à fila de meninos. Logo quando chegou, encarou fixo nos olhos de Yin, que estava no final dela. O menino, porém, mesmo percebendo tal gesto, não se intimidou. Os juízes começaram então o sorteio. Após Inhi ser citado, o nome de Yin, enfim, apareceu.



– E a quinta luta será entre Yin Ashvick e Amondri Maugus!

O menino não conseguia acreditar no azar que acabara de ter. Amondri era aluno do sexto e último período, assim como Inhi, e também era um dos favoritos para ganhar o torneio. Mas logo preferiu esquecer tal fato, lembrando-se de mais um conselho de seu mestre. *Mesmo que o adversário for forte, não fique pensando quão forte ele é, apenas concentre-se em si mesmo, e assim poderá fazer uma boa luta.*

Esperou pacientemente até sua hora chegar. Assim que o primeiro duelo se iniciou, Yin se impressionou com a força dos meninos que lutavam. Todos estavam dando o máximo de si desde o início. Afinal, ninguém desejava que o campeão fosse escolhido por acaso e, por isso, partiam com tudo de uma vez só. No entanto, o garoto estava achando estranho o fato de, quanto mais o tempo ia passando, mais se acalmava, ao invés de ficar ainda mais ansioso por causa de seu confronto iminente.

Depois de um tempo, o nome de Inhi foi enfim chamado:

– A próxima luta será entre Inhi Alokhe e Sedrif Pina!

O jovem sardento e de cabelos grandes se encaminhou até a arena, bem à sua frente. No caminho, contudo, fitou nos olhos de Yin novamente e deixou escapar um leve sorriso. Em seguida, virou-se e se concentrou. Chegou então ao centro do quadrilátero, acompanhado de seu adversário e ambos se cumprimentaram. Um dos juízes da bancada, enfim falou:

– Comecem a luta!

Sedrif logo partiu para cima de Inhi tentando acertar-lhe dois socos, facilmente desviados. Logo depois, tentou acertar-lhe um chute, mas seu adversário o segurou e lhe aplicou um forte soco no rosto com a mão esquerda e, em seguida, um chute que o fez parar a vários metros de distância. Quando se levantou, percebeu que já estava bem perto da borda da arena. Inhi então preparou o golpe final e, com outro chute, jogou Sedrif para fora. Aquela havia sido a luta mais rápida até então. Todos os meninos ficaram instantaneamente apavorados com a força de Inhi e, por um momento, imaginaram que não haveria ninguém capaz de vencê-lo. Todos menos Yin.

A luta seguinte, coincidentemente, era de Yin contra Amondri. Logo após anunciada, ambos também se encaminharam ao local de combate. Enquanto ia passando no corredor formado pelo restante dos jovens participantes, Yin pôde ouvir diversas provocações. Muitos deles riam de sua cara e chamavam-no de fraco. Resolveu fechar os olhos para silenciar sua mente. Lwan, na arquibancada torcia confiante.

Alguns segundos de silêncio se passaram até que o grito de início fosse dado. Os meninos cerraram os olhos e partiram velozmente em direção ao outro, começando a trocar golpes e defesas. Após um ataque de Yin, Amondri rodou no ar, e quando chegou ao chão, tomou impulso e acertou o rosto de



AURA DE ASÍRIS

seu jovem adversário com um forte soco. O garoto caiu no chão e custou-se a levantar. Amondri sorriu, imaginando que aquela luta seria extremamente fácil. Mas Yin bravamente se levantou, coçando sua boca para tirar o bocado de sangue que escorria nela. Em seguida, voltou para a posição de combate. Sem demora, Amondri partiu novamente a toda velocidade em sua direção, conseguindo acertar-lhe mais um soco, desta vez na barriga e um chute, fazendo com que Yin novamente fosse ao chão. *Não pode ser! O que está acontecendo?* – pensava, desnorreado.

Ainda no chão, parou um pouco e respirou. Os golpes que havia sofrido haviam sido realmente dolorosos. Tentou por um tempo esquecê-los mas não conseguiu. Levantou-se mesmo assim. A partir daí, a luta começou a ficar de igual para igual. Os meninos mais velhos não acreditavam como aquele garoto tão pequeno podia lutar tão bem. Inhi, no entanto, não se mostrava surpreso.

A luta seguia e Yin começava a levar vantagem. Mas Amondri Maugus era um dos poucos koguns do orfanato que também sabia voar. Assim, em um determinado momento, deu um impulso em direção ao ar e, em seguida, direcionou um chute em Yin. O menino, contudo, rolou pelo chão e desviou do chute, que acertou em cheio o chão da arena, fazendo com que alguns azulejos brancos se soltassem. Em seguida, rapidamente se levantou e, aproveitando que seu adversário encontrava-se agora de costas, deu-lhe um chute na altura da nuca.

Amondri cambaleou alguns metros para frente, tentando equilibrar-se, mas quando virou foi atingido por uma série de golpes do menino mais novo, poderosos demais para ele reagir. Como última tentativa concentrou todo seu poder em um só golpe, mas seu pequeno oponente o segurou com facilidade. *É agora!* – pensou Yin. Então, com o outro braço, acertou Amondri com força, fazendo-o desequilibrar e cair no gramado. Por alguns segundos, todos os alunos ficaram mudos. Pareciam não acreditar no que estavam vendo. Porém, depois de um certo tempo, resolveram prestigiar o novo ídolo:

– Yin, Yin, Yin! – gritavam. Lwan aplaudia de pé, também gritando o nome de seu amigo. Parte dos meninos mais velhos aplaudia sorridente, enquanto a outra permanecia calada. Yin, no centro da arena, parecia perdido e não sabia para aonde olhar. No entanto, tinha certeza de uma coisa: aquele era o momento mais feliz de sua vida.

Ao longe, em um dos terraços do prédio principal do orfanato, onde a visão da arena era privilegiada, Hanai observava tudo com um leve sorriso:

– Esse menino é realmente especial não é? – falou, aparentemente ao vento.

– É mesmo. – uma voz respondeu-lhe, bem atrás dele. – Hanai manteve o sorriso. A voz então continuou. – Você não mudou nada Hanai. Continua sábio e com uma intuição única.



A BATALHA DE KAYABASHI



O homem então encaminhou-se para o lado do mestre de Yin.

– Não tanto quanto você, meu amigo.

Os dois então finalmente se entreolharam. Irwind Heatbolth e Hanai Ashvick haviam finalmente se encontrado após tantos anos.

– E, pelo que vejo, agora se tornou um excelente mestre também.

– Obrigado, mas você deve saber que a única coisa que faço sempre é seguir o irrecusável chamado da Aura.

– E percebo que ela levou-o a esse menino.

– Isso. E a todos esses outros também.

– Quando recebi ele e seu amigo no Palácio Real, também pude perceber seu poder. Quando ele me disse que tinha um mestre chamado Hanai, encaixei as coisas. Sabia que a última pessoa pela qual tal poder passaria despercebido seria você.

– Achei que esse dom sempre coube melhor a você do que a mim.

– Deixe de elogios.

Hanai sorriu levemente. Em seguida, confessou:

– Bom, sendo sincero, quando salvei Yin da morte e decidi adotá-lo, não tinha ideia do quanto poderoso ele poderia se tornar.

– Sei. Você acha que o encontro entre vocês dois foi coincidência então.

Hanai ficou então algum tempo em silêncio, meio que sem entender o tom irônico com o qual Irwind havia falado suas últimas palavras. O general continuou:

– Meu caro amigo, me desculpe, mas você sabe o quanto supersticioso eu sou. De qualquer forma, todo este talento e energia que esse menino tem pode lhe deixar feliz. Contudo, eu vejo tal fenômeno de uma outra forma.

Alguns segundos passaram até que Hanai finalmente compreendesse o que Irwind queria lhe dizer. Depois respondeu, tirando seu olhar do general e virando-se novamente para a arena ao longe, agora com um leve sorriso no rosto:

– Irwind, este mundo é muito complicado para tentarmos entender seu funcionamento. Não se precipite em suas conclusões.

– Não estou, só imagino que tanto poder em uma só pessoa pode apenas significar uma coisa.

– Irwind, esse menino é talentoso, apenas isso. O que você está tentando me dizer é apenas uma antiga história.

– Hanai, sei que enquanto estive no exército, vários motivos o fizeram a se tornar descrente perante certas coisas, principalmente histórias e mitos. Porém, a Velha Lenda é algo que devemos respeitar, uma vez que conta também o que pode acontecer conosco não?





AURA DE ASÍRIS

– Irwind, você sabe. Eu não acredito nem nunca acreditarei na Velha Lenda. De qualquer forma, se ela é realmente verdadeira, onde está a batalha final entre os banshees e os furos que ela menciona, por exemplo?

– Receio que esteja começando agora.

– Como assim? – tal notícia pegou Hanai desprevenido.

– Eu lhe explicarei tudo. Mas antes me conte o que andou fazendo durante esses anos.

Neste exato momento, Yin se dirigia com uma felicidade enorme até o local de concentração, dentro da tenda ao lado da arena, onde esperaria a próxima luta. *Não acredito! Venci! Venci!* – pensava. Lá, passando despercebido pelos instrutores presentes no gramado, já estava Lwan, esperando-o.

– Yin! Você conseguiu! Derrotou Amondri, que é bem mais velho que você! Ele era considerado um dos favoritos. Todo mundo está impressionado! Parabéns!

Yin não sabia o que falar e apenas sorriu. Afinal, a partir daquele momento, só o que queria era o máximo de descanso até o próximo combate.

E assim, as lutas seguiram-se. Inhi Alok demonstrando o porquê de seu favoritismo, derrotou um a um com certa facilidade, enquanto Yin continuava surpreendendo a todos com seu poder.

O final do torneio se aproximava e Inhi, como já se esperava, garantiu seu lugar na final. E Yin não deixou barato. Após seu último golpe, fazendo seu adversário cair mais uma vez no gramado, foi aclamado com mais uma salva de palmas, desta vez mais fervorosa do que as outras. Depois dessa última vitória, o menino então parou e pensou. Estava ofegante e com um olhar perdido. Parecia não acreditar no incrível feito que acabara de conseguir. Afinal, ninguém tão novo quanto ele havia chegado a final do Torneio Mao-Ter de Kogujutsa. *Só mais uma* – pensava. *Só mais uma luta para eu provar que eles estão errados.* Porém, não era só mais uma luta. Era aquela que todos aguardavam, a mais prometida. Yin contra Inhi.

Todos os meninos, por sua vez, já não sabiam mais o que pensar. Yin Ashvick havia entrado naquele torneio como uma piada. Ninguém acreditava que ele pudesse chegar tão longe. Agora estava na final, podendo fazer algo que ninguém da idade dele jamais havia feito. Por isso, uma parte dos garotos começou finalmente a apoiá-lo. A outra, formada principalmente pelos meninos mais velhos, estava com Inhi.

Trinta minutos de descanso separavam os dois de seu conflito final. O jovem mais velho estava muitíssimo satisfeito pelo destino ter colocado Yin no seu caminho. E contente também por outro motivo. Ao mesmo tempo, provaria para todos quem realmente mandava naquele orfanato e, para uma pessoa em especial, em quem ela deveria confiar.

Ao longe, Hanai e Irwind observavam tudo.



– Vai ser uma luta e tanto. – comentou Irwind. – Pena que você já saiba o resultado, não é?

Hanai aquiesceu. Afinal, conhecia os dois meninos como ninguém e, por isso, sabia quais as verdadeiras possibilidades de cada um. Esse conhecimento, somada a sua quase infalível intuição, o levava a crer quem seria o vencedor.

– Você também sabe Irwind. Essa luta pode ser boa, mas não é tão imprevisível assim. Quem tem os sentidos apurados aqui é você, não pense que me engane.

Passado os trinta minutos, Lwan então deu os últimos conselhos e palavra de confiança para seu amigo.

– Yin, você consegue. Você já chegou muito longe, não desanime agora, por favor. Você pode vencê-lo, como fez com os outros. – Nisso uma voz interrompeu-o. Era um dos instrutores que havia notado sua presença proibida.

– Garoto! Você não pode ficar aqui!

Sem dar muita atenção, Lwan continuou falando, agora com os olhos bem abertos:

– Você consegue!

– Garoto! – o homem já puxava Lwan para longe de Yin.

– Boa sorte! – gritou, por fim.

– Obrigado Lwan. – agradeceu Yin, desta vez olhando para seu colega.

E o menino se foi com o instrutor.

Poucos segundos depois, o mesmo sujeito retornou ao local de concentração, ainda resmungando sobre a atitude de Lwan:

– Esses meninos! Não respeitam mais as regras e mais ninguém! – Parou e voltou o olhar para Yin, que agora se encontrava sentado e com um olhar perdido, aparentando estar em um outro nível de consciência. Ao mesmo tempo, sentindo-se aliviado pela Aura retornar com mais força ao seu corpo após tantas lutas. Estava também concentrando-a para poder dar tudo de si no combate mais importante da sua vida.

– Menino! – chamou o homem, finalmente.

Yin então virou-se para ele.

– Chegou a hora.

Yin levantou-se e caminhou lentamente em direção à arena. Logo percebeu que Inhi já estava em seu centro. O público gritava, mas o menino não entendia direito o que. Não importava. Naquele instante só havia ele e seu adversário. Chegou enfim ao centro e cumprimentou o adolescente sardento, com a expressão séria. Em seguida, entrou na posição de combate. O som suave do vento passou por entre eles. Quando se foi, veio a voz. *Comecem a luta!*

Por alguns segundos, parecia que os dois não haviam escutado o grito do instrutor. Ficaram completamente imóveis. Logo depois, porém, o que se viu foi absolutamente fantástico. Os meninos finalmente partiram e começaram a



AURA DE ASÍRIS

trocar golpes tão rápidos que nenhum dos outros alunos que assistiam à luta conseguia vê-los. De repente, em um forte golpe de Inhi, o rosto de Yin foi deslocado para o lado. Sem demora, o garoto retribuiu a gentileza. Depois, mais um golpe do menino mais velho e mais uma retribuição do jovem de olhos cor-de-mel. Inhi pareceu então cansar-se daquela atitude e saltou para o alto. Chegou a vários metros do chão e ficou por um tempo pairando no ar, com Yin observando-o. Logo depois, deu um voo rasante em direção ao seu adversário, utilizando toda a sua velocidade. *É agora* – pensou Yin.

Então também saltou, exatamente na direção de Inhi, que arregalou os olhos imediatamente. Em seguida, o sardento sentiu ser acertado em cheio pelo punho de seu adversário, no golpe mais forte que havia sofrido no torneio. Então foi ao chão. *Esse pirralho também pode voar!* – pensou. Diante dos novos fatos, teria que repensar sua estratégia. Estava difícil, pois sua cabeça agora doía bastante e ainda estava caído. Depois do salto, Yin ficou parado no ar, com todos agora observando-o, estarecidos. Todos menos Lwan, que logo gritou com vontade. *Isso!*

O sardento se ergueu com dificuldade. Cerrou os dentes e partiu em direção a seu adversário. Os dois permaneceram, por um longo tempo, trocando golpes em pleno ar. Inhi começava a levar vantagem por ser ligeiramente mais veloz e, sem demora, acertou um forte chute em Yin, para, em seguida, juntar as mãos e acertar suas costas com extrema destreza.

O garoto despencou em altíssima velocidade e atingiu o chão da arena com tanta força que alguns ladrilhos se soltaram e rodopiaram pelo ar. Inhi desceu e, sem a intenção de dar trégua a seu oponente, o levantou pela vestimenta de luta. Mesmo com Yin agora quase inconsciente, deu-lhe um soco no estômago, fazendo-o cuspir um punhado de sangue. Porém, quando ia dar-lhe outro golpe, subitamente o viu direcionar-lhe um olhar fulminante e, logo em seguida, retirar o braço que o segurava pela gola.

Assim que Yin sentiu seus pés tocando no chão da arena novamente, foi a sua vez de acertar Inhi no estômago. O garoto devolveu o golpe com outro mais forte, fazendo Yin parar a vários metros de distância. Assim, por alguns segundos, o duelo foi interrompido. Inhi havia sentido o forte golpe no estômago e Yin estava caído no chão. Os dois precisavam se recuperar, pois sentiam que o final da luta se aproximava.

Levanta Yin, por favor! – pensava Lwan, no meio da multidão. Pedido esse prontamente atendido pelo seu já heroico amigo. De pé, Yin olhou por alguns instantes para o reflexo do Sol nos azulejos da arena. Fechou os olhos, virou a cabeça para cima e respirou suavemente, relaxando assim, todo seu corpo. Procurou esquecer as dores. Inhi, ao contrário, estava ofegante e com uma evidente expressão de raiva. Aquilo para Yin era uma enorme vantagem. Lembrava



A BATALHA DE KAYABASHI



sempre do que Hanai falava. *Aquele que luta com leveza, sem guardar mágoas, sempre leva vantagem em cima daquele que carrega certo rancor.*

Voltou então à posição de combate, juntamente com Inhi, que parecia estar agora mais concentrado do que em toda luta. Em seguida, tomou a iniciativa partindo num voo rasante em direção à seu adversário. Porém, algo estranho o chamou atenção no ato. Um brilho azulado começou a sair da palma das mãos de Inhi. *Não é possível!* – pensou Yin, incrédulo sobre o que via. Neste instante, Inhi Alokha então juntou as mãos e apontou suas palmas em direção a ele.

– Esta luta acabou garoto! – exclamou, ao mesmo tempo em que disparava uma esfera de energia em Yin que, sem tempo para desviar, foi acertado em cheio. Uma enorme explosão então aconteceu.

Todos na arquibancada ao redor da arena levantaram-se e emudeceram. A nuvem de poeira que se formou não permitia ver o que havia acontecido com Yin. Inhi, por sua vez, saiu de sua posição curvada e também ficou observando. Alguns segundos depois, se pôde ver enfim a silhueta do jovem guerreiro, caída ao chão. O menino não estava inconsciente, mas sentia como se todos os seus ossos estivessem quebrados. Seu traje de luta, por sua vez, estava em parte rasgado e sua pele queimada. Não tinha forças sequer para abrir os olhos. A luta havia chegado ao fim. Inhi havia vencido.

Lwan abriu os olhos mais do que nunca, sem acreditar no que acabara de presenciar. *Mas o que aconteceu?* – pensava, assim como todos, permanecendo mudo por bom um tempo. A shinya-hashiki era uma técnica da kogujutsa que todos sabiam que existia, porém, imaginavam que apenas os grandes mestres tinham capacidade de usá-la. Inhi provou que não. Aquele poderoso kogun havia guardado sua melhor cartada para o final, surpreendendo Yin e se sagrado campeão do torneio.

Após a poeira ter se dissipado completamente, foi também o primeiro a se aproximar de Yin. Ficou de joelhos e, percebendo que seu adversário tinha dificuldades até mesmo para respirar, falou perto de seu ouvido:

– Desculpa menino, não queria usar essa técnica em você, mas foi preciso. De qualquer forma parabéns, você lutou muito bem.

Mesmo com toda fraqueza que sentia e seus sentidos funcionando precariamente, Yin escutou a frase. Porém, não acreditou. *É Inhi? É Inhi que está falando comigo?*

– Não se preocupe, você ficará bem. – O adolescente virou-se então para os instrutores na beira da arena e, com um gesto de mãos, pareceu pedir que fossem socorrer Yin. Logo dois instrutores subiram na arena com uma maca flutuante e se aproximaram do garoto ferido. Em seguida, colocaram-no cuidadosamente em cima dao aparato e retiraram-no do local. Logo após sumirem no gramado em direção à enfermaria localizada no prédio principal, o locutor anunciou fervorosamente:





AURA DE ASÍRIS

– E o Torneio Mao-Ter de Kogujutsa terminou! Inhi Alokh é o novo campeão!

Muitos aplausos lhe foram dados. Na multidão presente, Lwan já não se encontrava mais. Havia descido às pressas a arquibancada para ver como Yin estava. Ao longe, Hanai e Irwind ainda observavam toda a cena.

– Hanai, você não foi justo com esse menino. – argumentou Irwind com uma expressão séria.

– Tudo tem seu tempo meu amigo. Ensinei a ele tudo o que ele podia aprender neste momento. Agora vamos.

– Hanai, se você quiser... – e Irwind logo foi interrompido pelo amigo.

– Não será necessário usar seus poderes para curá-lo, Irwind. É melhor deixar as coisas como estão.

Lwan sem demora alcançou seu colega, o qual estava sendo levado na maca flutuante. Em seguida, adentrou depressa pelos corredores da escola, já ao lado dos instrutores que levavam seu amigo. Em seguida, chegaram todos à enfermaria. Yin foi então retirado da maca e posto em um dos leitos. Apesar de tudo, ainda estava consciente. Lwan começou a lhe falar algumas palavras, ao mesmo tempo em que os médicos do local tratavam de seus ferimentos.

– Yin, aquele garoto não vale nada! Você lutou muito bem! Agora seja forte! Daqui a pouco o mestre virá te ver. Agente!

Yin escutou e sentiu sua respiração voltar ao normal. Porém, seus olhos já entreabertos foram fechando lentamente. Pouco tempo depois adormeceu.

Neste instante, Hanai e Irwind percorriam o gramado perto da arena, em direção à mesma. Foi quando o segundo parou a certa distância, bem atrás do palco montado. Hanai, porém, continuou em frente. Afinal, cabia a ele entregar o troféu destinado ao vencedor do torneio e parabenizá-lo. Era o chefe máximo do lugar e, por isso, não havia honra maior entre os participantes do que receber os cumprimentos do grande mestre.

A noite já havia caído e os refletores em volta da arena estavam acesos. Perto da bancada dos juízes no palco, havia uma pequena plataforma e era lá que Inhi se encontrava, esperando ser recompensado.

Alguns instantes depois, Hanai chegou à plataforma e todos ficaram quietos. Logo após se aproximar de Inhi, o menino pareceu querer-lhe falar algo:

– Mestre, eu...

– Tudo bem Inhi. Você não fez nada de mais. Não foi desonesto, apenas usou as técnicas que tinha.

O menino então abaixou a cabeça, parecendo ainda apreensivo.

– E eu te desculpo por tudo, pode ficar tranquilo. Agora parabéns! Você mereceu!

O adolescente então sorriu. Hanai retribuiu o sorriso com um outro e um afago na cabeça do jovem sardento. Virou-se para um dos instrutores que



segurava uma pequena harpia feita de cristal – o símbolo daquele orfanato. – e pegou-a com cuidado. Em seguida, deu a Inhi. O menino ficou durante um tempo olhando para a estatueta e, por alguns segundos, esqueceu de toda mágoa que sentia. Mantendo o sorriso no rosto, resolveu levantar então a harpia reluzente para que todos pudessem ver sua conquista, sendo logo aplaudido de pé. E, antes que pudesse ter uma sensação ainda melhor, viu uma legião de amigos correr para saudá-lo. Hanai observou a cena por alguns instantes e depois virou seu olhar a Irwind, que agora estava bem ao lado do palco, escondido na penumbra formada pela sombra da estrutura no gramado. Segundos depois, ele e Hanai estavam lado a lado novamente.

– Vamos. – falou o mestre de Yin.

Lwan estava sentado em um banco próximo ao leito de Yin, fitando perdidamente o chão. Estava cansado. Embora não tivesse participado do torneio, havia se dedicado muito ao amigo naqueles últimos dias. No entanto, logo após reconhecer Hanai e Irwind adentrando pela enfermaria, esqueceu sua exaustão. Seu mestre aproximou-se então do leito, olhou por alguns instantes para o menino dormindo e perguntou-lhe:

– Como ele está?

– Ele vai ficar bem mestre. Pelo menos foi o que os médicos disseram. Está com muitas queimaduras e alguns ossos quebrados.

– Muito bem Lwan. Estou orgulhoso de você.

– De mim?

– É. Durante todo este tempo não deixou Yin uma vez sequer. Apoiou-o quando foi preciso e lhe deu conselhos importantes.

– Como se ele me ouvisse mestre. Yin é muito teimoso.

– Ele ouve Lwan. Você não imagina o quão importante você é para ele. A amizade de vocês é algo realmente especial. Agora vou lhe pedir mais um favor.

O menino calou-se, esperando as ordens de seu mestre.

– Fique vigiando Yin por mais algum tempo. Eu e Irwind precisamos conversar agora, tudo bem?

O menino balançou a cabeça, consentindo.

Logo em seguida, Hanai e Irwind saíram em direção à sala do primeiro, no último andar do prédio principal do orfanato. Assim que o mestre de Yin trancou as portas, o general, em um tom bastante sério, falou:

– É melhor nos sentarmos, tenho uma longa história para lhe contar.